Francisca Vasconcelos
Organizadora

IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

FORTALEZA – CEARÁ
2007

Segundo Guerra Junqueiro, a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela inocência, pelo sentimento de nossa alma, pela ternura do nosso coração.

Tal assertiva me veio à mente, ao ler os depoimentos, poemas, hinos, louvações à Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, neste livro organizado por **Francisca** das Chagas **Vasconcelos**, sobre a vida dessa alma cristalina, clara alma, que foi a Irmã Brasileiro, no qual pude aquilatar quão nobre foi sua tarefa de amor, de fé, de caridade com o próximo, notadamente com os alijados das mesas fartas, ao mesmo tempo, de disponibilidade diante do chamado de Deus.

É digno de nota o trabalho desenvolvido por essa "apóstola da fé" em todos os setores da sociedade cearense: foi professora, educadora, psicóloga, socióloga, filósofa, terapeuta, amiga, mãe, nessa sua missão de amor, tudo exercendo com o mais puro desvelo, obediência e humildade. Por isso, deixou impregnada em suas ações a certeza de que somente serão felizes aqueles que souberem buscar, achar (e desenvolver no próximo) o segredo de saber servir com o coração aberto, transbordante de amor e justiça. Ela soube honrar a Deus, ofertando-LHE as primícias de seus frutos e, em decorrência dessa sua total doação, teve seus celeiros transbordantes de fartura, na fé, e seus lagares fartos do vinho da esperança.

Patrinha

FRANCISCA VASCONCELOS
Organizadora

IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

FORTALEZA
2007

Faleceu em 18/06/2002

Francisca Vasconcelos
Organizadora

Copyright © 2007

Formatação Eletrônica
Márcio Costa

Capa
Liberato Barroso

Revisão
Giselda Medeiros

Impressão
LuxPrint

169i Irmã Maria Clara Brasileiro e Sua Missão Evangelizadora/**Francisca** das Chagas **Vasconcelos**, organizadora – Fortaleza : LuxPrint, 2007.
134 p.

I. Brasileiro, Maria Clara Alcântara, Irmã – Biografia.
I.Vasconcelos, Francisca das Chagas.

CDU 929Maria Clara Alcântara
Brasileiro, Irmã

"Ide também vós para a minha vinha e
dar-vos-ei o que for justo".
Mt 20.14

SUMÁRIO

Prefácio 9

Apresentação 13

Uma Vida, uma História 17

A Vocação: O Postulado e o Noviciado 27

A Missão Evangelizadora

- Instituto Maria Imaculada – Pacoti (1939 a 1960) "O Jarro de Cristal" 31
- Instituto Imaculada Conceição – Bela Cruz (1960 a 1969) "O Anjo da Paz, a Apóstola do Bem" 37
- Patronato Ten. Ângelo de Siqueira Passos – Viçosa do Ceará (1969 a 1975 "Alma Servente do Amor Divino". 55
- Patronato Dona Maria Luiza – São Benedito (1975 a 1984) "Alma de Luz" 67
- Instituto São José – Aracati (1984 a 2002) "A Mãe dos Pobres" 75

A Obra Missionária: É Tempo de Colheita 85

Manifestações de Reconhecimento, Gratidão e Carinho 91

Memórias 103

Depoentes 134

"Estou pronta para o que o Senhor quiser".

Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro

PREFÁCIO

Maria Clara Alcântara Brasileiro – Irmã Catarina Brasileiro, Fiozinho D'água Clara, Orvalhando o Ceará

As palavras não conseguem traduzir fielmente o que quero dizer sobre o perfil humano e espiritual de Maria Clara Alcântara Brasileiro, de Irmã Catarina Brasileiro ou, simplesmente de Irmã Brasileiro, na sua vida de doação ao serviço do Senhor.

Para facilitar a comunicação do que admiro e contemplo em sua passagem no tempo, valho-me de um sentido figurado.

E você que me lê, por experiência própria, completará minha tentativa.

No dia 12 de agosto de 1916, nasceu na praia do Pecém, município de São Gonçalo do Amarante-CE, uma criança que, por intuição piedosa dos pais, recebeu o nome da Santa do dia – Santa Clara.

Feliz e significativa escolha!

Aquela criança era entregue à luz já trazendo uma fagulha da energia forte, pura e clara do próprio Deus.

Vem-me, à mente, comparar a história desta criança – Maria Clara Alcântara Brasileiro – ao curso de um rio de águas límpidas.

Desde a fonte, ao brotar da pedra familiar de forte e autêntica constituição cristã, a menina Maria Clara era como um fiozinho d'água, brincando de esconde-esconde, saltitante, feliz, encantando a todos com a limpidez, o frescor e a transparência de águas claras.

O fiozinho d'água foi-se avolumando e avançando no seu leito, sulcando silenciosa e ingenuamente, sem se dar conta de sua própria grandeza.

Maria Clara crescia e tomava rumos, como o fiozinho d'água tornando-se rio.

Viveu a infância no seio de sua família e a adolescência no Colégio da Imaculada Conceição onde se identificou com o perfil que São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac desejavam para as suas filhas.

Jovem, simples, humilde, doada a Jesus Cristo no amor ao próximo, sobretudo aos pobres. Reservada, perseverante, construtora da fraternidade e da Paz.

O fiozinho d'água, de repente, deu um grande salto por entre pedras e barrancos e tornou-se um riacho sereno de margens largas e águas claras, distribuindo fartura e felicidade por onde passava.

Compara-se a corajosa rutura da jovem Maria Clara com os laços de família para uma opção por Deus a favor dos irmãos, sobretudo os pobres. Corajosa aventura só explicada pelo impulso da graça divina!

E o riozinho percorreu recantos privilegiados, passou por Pacoti, Bela Cruz, Viçosa, São Benedito, Aracati... até desaguar no mar. Por onde passou, deixou alegria, beleza, frutos e flores em abundância.

Qual este curso d'água, Irmã Catarina marcou seus passos por um dinamismo virtuoso de amor. Como água boa, clara, serena e generosa fecundava os corações de boa vontade e despertava riquezas espirituais adormecidas.

Em Pacoti, gastou-se sem medidas, empenhou "a força de seus braços e suor de sua fronte". Por aí passou como um "vaso de cristal", transparecendo ternura pelos pequeninos, no Patronato, e, subindo e descendo serras, levando conforto

material e espiritual aos idosos e doentes. O dinamismo do amor chegou a ameaçar a saúde do "vaso de cristal", como se referiam a ela.

Num ato de obediência alegre e generoso, deixou os bons ares da serra de Pacoti e abraçou a missão de educadora da fé, em Bela Cruz, de clima tórrido de praia-sertão.

Assumiu a coordenação da casa como Irmã Servente. Seu testemunho foi tão marcante e tão profundamente impresso nos corações sequiosos que muitos, justamente, lembram-se dela como "Anjo da Paz e Apóstola do Bem".

Findando seu tempo em Bela Cruz, Irmã Brasileiro, passa adiante; é, então, Irmã Servente, em Viçosa.

Mais uma preciosa qualidade da água é vivida por Irmã Brasileiro. Como a água, serve para tudo. É indispensável, purifica, assume o sofrimento e dores dos outros, resolve problemas, sem perder a serenidade porque o amor faz milagres. Fica conhecida como a "Alma Servente do Amor Divino".

Irmã Brasileiro seguia sempre avante no mapa do reino de Deus. Semeava, plantava e confiava no poder da oração para sustentar a messe.

São Benedito foi depois o campo de sua missão.

Ali, no dizer de um poeta de terra, "rumoreja bela fonte ao aclamar tua grandeza".

Irmã Brasileiro está na pujança de seu crescimento espiritual. É definida como "Alma de Luz" pelos que a conhecem na expansão de sua piedade, de sua virtude e de seu amor aos que sofrem.

Nela, a água clara de seu nome energizava a sua dedicação, gerando luz. Luz que, certamente em São Bendito, iluminou a muitos. Luz que não se apaga e desafia os vendavais do tempo.

Em 1984, aportou em Aracati, livre da responsabilidade burocrática de uma Casa. Entregou-se, de corpo e alma, à expansão do reino de Deus nos corações.

Viveu ali como intérprete do sonho de São Vicente de Paulo e Santa Luisa de Marillac no desdobramento de uma presença de amor para todas as carências humanas. Doou-se, gratuita e generosamente, às comunidades de Aracati e Fortim onde ficou conhecida como "A mãe dos Pobres".

A imensidão do mar, no Fortim, recebeu as águas claras e puras do nosso rio imaginário.

Um dia aconteceu o mesmo com Irmã Catarina. Mergulhou no infinito amor de Deus. Vive agora em plenitude.

Plantou sementes de transformação para um mundo diferente, como aguardam os que acreditam que a PAZ começa no coração de cada um e os que guardam um pouco de seu ser transfigurado pela presença de Deus, junto à Virgem Maria, ao Jesus Menino de sua devoção.

Irmã Elisabeth Silveira
Filha da Caridade

APRESENTAÇÃO

"É bom louvar o Senhor e cantar suas maravilhas". Eis a afirmativa constante de Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, que pautou sua vida nos ensinamentos e na vivência do amor a Deus, servindo aos pobres.

Neste documentário, tentaremos levar ao conhecimento de muitos e, relembrar aos que partilharam da convivência amiga e fraterna, nas escolas e comunidades vicentinas espalhadas pelo Estado do Ceará, fatos da vida de Irmã Maria Clara, que tinha como suporte de sua missão a disponibilidade, o desprendimento, a renúncia, a força de vontade e o desejo de se doar, constantemente, aos mais necessitados, com o objetivo de transformar suas vidas ou, pelo menos, amenizar a realidade adversa, em vida mais digna.

Quando Maria Clara deixou o aconchego da família e se entregou, totalmente, à missão evangelizadora de Cristo, ela tinha certeza, apesar da pouca idade, com apenas 22 anos, de que iria encontrar dificuldades, mas não suficientes para impedi-la de colocar em prática os ensinamentos bíblicos: "A messe é grande, mas os operários poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe" (Mt 9,37-38).

Aqui, traremos um relato sobre a sua missão evangelizadora. Nascida Maria Clara na praia do Pecém, município de São Gonçalo do Amarante, estudou em Fortaleza, durante 12 anos, no Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pela Irmãs de Caridade da Companhia de São Vicente de Paulo. Pela firmeza com que decidiu sua vocação, não acreditamos ter sido, simplesmente, influência decorrente da convivência com as

religiosas, suas mestras. A persuasão íntima que comandava suas decisões, seus atos e atitudes era mais profunda, fruto do chamado divino: não se é tão perseverante quando não se tem consciência de sua responsabilidade nem a convicção de que se está no exercício de uma missão.

Irmã Maria Clara encontrou, no decorrer de seu apostolado, situações compatíveis com passagens bíblicas que lhe deram o respaldo indispensável à continuidade de sua missão sem, no entanto, se deixar abater pelo desânimo: "Muitos são chamados e poucos os escolhidos" (Mt 20,16).

No dia-a-dia, no exercício de seu apostolado, as incompreensões humanas que, por vezes, desanimam os despreparados, os fracos, não se constituíram motivo de desistência, pois ela confiava nos ensinamentos de Cristo: "Quem quiser ser perfeito, tome sua cruz e siga-me" (Lc 9,23). E na continuidade de sua evangelização, de sua missão árdua, a certeza da escolha se consolidava sempre mais e, em seu auxílio, vinham como apoio as palavras do apóstolo João (15,16): "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi...".

No início da missão, em Pacoti, na época em que se afastou do apostolado para tratamento de saúde, esta situação não se constituiu motivo para fraquejar,mas para se fortalecer cada vez mais na fé e se colocar em total disponibilidade ao serviço do Senhor: "Eis-me aqui... eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade" (Hb 10,7).

As provações que lhe permearam a vida missionária foram-lhe em decorrência do espírito altruísta de que era possuidora, verdadeiras oportunidades para se firmar ainda mais em sua vocação. A sua designação como primeira superiora do Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz, ao invés de

desanimá-la, encorajou-a sobremodo e, ao aceitá-la, sentiu a necessidade e a responsabilidade de dar prosseguimento à escolha feita: "...estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida eterna e são poucos os que acertam com ele" (Mt 7:13-14).

As constantes mudanças de casa deram-lhe energia suficiente para encará-las como uma decorrência natural de sua opção vocacional, e as acatava com presteza, sem revolta, mas glorificando a Deus: "Estou pronta para o que o Senhor quiser", afirmava ela convicta.

Sob uma pseudo-fragilidade, Irmã Maria Clara era dotada de uma força titânica que era instrumentalizada através do diálogo, canal que conseguia catalisar, em torno de si, uma plêiade de jovens sequiosos de beber na fonte de seu saber os conhecimentos indispensáveis ao balizamento de suas aspirações e ansiedades.

Ela, como ninguém, sabia escutar e ouvir a quantos a procuravam e a todos oferecia a sua solidariedade, a sua mão amiga, ajudando-os tanto na reflexão quanto nas possíveis soluções de seus conflitos ou problemas.

*Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro e sua Missão Evangelizadora"*é uma síntese da história vivida por esta missionária, cujo apostolado desenvolvido entre os seus semelhantes, notadamente os mais pobres, engrandece a terra que lhe serviu de berço.

Miriam Vasconcelos
Médica, amiga da família

UMA VIDA, UMA HISTÓRIA

"A messe é grande, mas os operários poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe."

Mt 9,37-38

UMA VIDA, UMA HISTÓRIA

Maria Clara Alcântara Brasileiro, filha primogênita de Domingos Brasileiro Júnior e de Leonice Alcântara Brasileiro, nasceu em 12 de agosto de 1916, no pequeno lugarejo de homens pescadores e de mulheres labirinteiras, na praia do Pecém, município de São Gonçalo do Amarante onde morava a maioria de seus familiares: avós, tios e primos.

De origem humilde, seu pai, homem de poucas letras, iniciava-se no comércio, e sua mãe, professora formada pela Escola Normal de Fortaleza, lecionava na única escola pública existente.

Ainda menina, Maria Clara morou em Paracuru e Umarituba, à época, distritos do município de São Gonçalo do Amarante.

A família, naturalmente, logo começou a crescer e, como primogênita, Maria Clara acompanhou o nascimento, mortes prematuras e o crescimento de todos os irmãos.

Dos treze filhos concebidos por Leonice, criaram-se sete: um homem e seis mulheres.

Garota ainda, Maria Clara foi estudar, interna, no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, dirigido pelas Irmãs de Caridade, da Companhia de São Vicente de Paulo e de Santa Luiza de Marillac.

Adaptou-se muito bem à rigidez da disciplina da época, rigorosa no cumprimento dos deveres, sobretudo, na formação religiosa. Tratava de pôr em prática os ensinamentos aprendidos no colégio. No período de férias escolares, aproveitava para, em casa, ensinar aos irmãos e vizinhos as orações e falar de Fé e Amor

à Maria Mãe de Deus e ao Menino Jesus. Com dedicação, preparava as crianças do lugarejo, onde morava, para a Primeira Eucaristia. Assim, dava os primeiros testemunhos de sua vocação, ou seja, trilhar os caminhos de Deus.

Era detentora de um temperamento agradável, doce e de muita obediência aos pais.

No colégio, fez logo, muitas amizades e se relacionava, muito bem, com todos de sua convivência a ponto de passar férias na casa de uma ou outra colega.

Eu, Madalena, como irmã mais nova, pouco sei deste começo de sua vida. Não tive a felicidade de privar de sua presença, de participar de suas brincadeiras nem de sua convivência. Quando Maria Clara saiu de casa para integrar a Companhia das Filhas de São Vicente de Paulo, eu tinha apenas 2 anos de idade. Papai havia falecido, e mamãe passava por um período muito difícil de sua vida. Mas Maria Clara era vocacionada, e o amor de Deus foi mais forte: tomou a decisão e partiu para o postulado e, durante a sua vida, demonstrou muita firmeza, fidelidade, santidade e uma fé inabalável na misericórdia divina.

Nessa época, o convento, para as religiosas, era bem diferente do de hoje. Havia um isolamento total, e a família natural, em nome de Deus, era esquecida, e a própria candidata se abstraía do mundo originário e passava a vivenciar um mundo de doação, abnegação, esquecendo-se de si em benefício do outro: voto de pobreza, voto de castidade, nome trocado (a Maria Clara passou a ser Irmã Catarina), cabelo raspado, hábito pesando 12 quilos. A comunicação com a família só se fazia através de carta em espaços raros. A mãe biológica só podia ver a filha uma vez por ano, no Parlatório (local com umas cadeiras, chão muito

limpo e com imagens de alguns santos), com minutos marcados para a conversa.

Assim sendo, fui criada muito distante da minha irmã, 19 anos mais velha do que eu.

As suas cartas raras, quando mamãe as lias para nós, com os olhos transbordando de lágrimas, deixavam-nos a pensar mil coisas: que mundo seria esse onde Maria Clara vivia? Será que ela é divina e não sente saudade como nós? Não dava para compreender tal enigma, mesmo por que morávamos no interior, cuja distância e falta de comunicação nos isolavam ainda mais. As suas missivas eram cheias da presença de Deus e confortavam muito a mamãe na dura caminhada que fazia sozinha sem, no entanto, olvidar a responsabilidade junto aos demais filhos de orientá-los, de ensinar-lhes a serem obedientes, estudiosos e tementes a Deus.

O coração de Maria Clara era só ternura, e este sentimento chegava até nós através de seus escritos.

Só a conheci quando tinha sete anos, na festa de seus votos perpétuos, na cidade de Pacoti, localizada no maciço de Baturité, no Instituto Maria Imaculada. A superiora da casa, Irmã Ferraz permitiu que mamãe fosse e nos levasse, eu e minha irmã Leonice, um ano mais velha que eu. Foi uma viagem inesquecível: sempre que podíamos, estávamos com ela, querendo desvendar tudo que parecia ser segredo para nós. Nessa ocasião, descobrimos que nossa família tinha um "patrimônio" junto de Deus. Apaixonamo-nos por ela e voltamos, após alguns dias, com mais saudade de uma irmã que, agora, sentíamos ser real. Foram 63 anos de vida religiosa. Acompanhamos de longe o seu trabalho e suas passadas: Pacoti, Bela Cruz, Viçosa do Ceará, São Benedito, Aracati e a Terra de Deus. Pouco sabemos dela, mas o suficiente

para dizer quão maravilhosa era. Enche-nos de orgulho o coração, quando escutamos alguém expressar bons sentimentos por ter convivido com ela: ouvir tais referências a seu respeito é muito gratificante.

Nos últimos 13 anos de sua existência, fiquei mais próximo dela, isto é, podíamos nos ver umas três ou quatro vezes por ano: sempre eram momentos prazerosos, amigáveis, saudáveis, o que nos fazia muito bem. Tínhamos uma afinidade impressionante: éramos do mesmo signo, leão, e víamos a vida de maneira muito parecida. Impressionava-me a grandeza de sua presença: transmitia uma confiança que, perto dela, o mundo era bem melhor. Os pequenos, os sofredores, as prostitutas (as meninas como ela mesma as chamava), os idosos, os jovens eram a menina de seus olhos. A sua alma era jovem, simples, sincera: tudo fruto do amor grandioso que sentia por todos os filhos de Deus. Como Maria Clara era plena ao vivenciar o primeiro e segundo mandamentos da Lei de Deus: "Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo". Por isso mesmo, Maria Clara nunca entendeu o que queriam passar para ela, quando diziam que o pedinte de rua nem sempre é necessitado, às vezes, é mal acostumado.

Vale a pena relembrar toda essa vida de doação constante para que não percamos o caminho do bem.

Madalena Brasileiro Mota
irmã de Maria Clara

Sinto-me muito feliz em poder falar de uma irmã muito querida por mim e por todos que a conheceram e partilharam de sua companhia.

Como eu era uma criança muito ativa, sempre me dirigia à mamãe com perguntas sobre Maria Clara, e ela me respondia com outra pergunta: por que quer saber? Sendo Maria Clara a primogênita, não tinha intimidade com outras crianças que passavam por perto de nossa casa e, por isso, não havia com quem brincar. O nascimento dos irmãos Rita de Cássia, Murilo, Albanisa, Amazônia, Leonice e Madalena não proporcionou à Maria Clara a oportunidade de usufruir do aconchego familiar por muito tempo, pois muito nova foi estudar em Fortaleza. Nas férias, sempre preparava as crianças da escola local, para a Primeira Eucaristia. Eu e Amazônia participamos de uma dessas turmas.

Era muito dedicada ao que fazia. Para documentar o evento da Primeira Eucaristia, levou-nos à Fortaleza, a fim de tirarmos uma fotografia: sendo eu, muito irrequieta, na foto, fiquei ajoelhada e Amazônia de pé.

Gostava de jogar pedras, pular corda e tomar banho no "lago" atrás de nossa casa. Entre suas brincadeiras preferidas, estava o banho no rio, na época do inverno. O mar sempre foi a sua grande predileção.

Mamãe era professora primária e alfabetizou Maria Clara, preparando-a também para o exame de admissão, cujas provas foram feitas no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, onde estudou durante 12 anos.

O internato liberava-a aos primeiros domingos de cada mês, e estas saídas do colégio, ela as passava na casa de sua madrinha Cecília: era querida por todos. Nas férias, todos a

aguardavam com muita ansiedade e alegria. Para mim e Amazônia, era uma festa ao abrir a mala: muita curiosidade e expectativa. Interrogávamos-nos: será que ela traz algum presente? Quando Maria Clara abria a mala só apareciam: fardas, sapatos, livros e outros objetos pessoais. Como recompensa pela nossa expectativa, recebíamos medalhas e santinhos.

Cultivava boas amizades: colegas que a convidavam para passar as férias na serra, em Guaramiranga, sítio da senhora Sinhá Monte Flor e lá, com Maria de Jesus, filha da casa, a convidada se esbaldava nos banhos de açude, divertindo-se na travessia do mesmo para pegar tangerinas do outro lado. Outras vezes, ia com Miriam a Massapê, para a residência do senhor Miguel Dias. Em outras ocasiões, dirigia-se a São Gonçalo do Amarante, para a casa das tias Luizinha e Doninha, irmãs de mamãe. Os primos participavam das brincadeiras e preparavam festas dançantes, embora estas fossem mais raras.

Com Miriam, Maria Clara mantinha sempre uns segredinhos por serem detentoras do mesmo ideal: a vocação religiosa; ambas queriam ser Irmã de Caridade.

Um belo dia, chegou à nossa casa uma carta sua, endereçada a papai e mamãe, solicitando autorização para a entrada na Comunidade. Papai disse: "Logo aquelas freiras do chapéu grande?!". E mamãe retorquiu: "Quando eu mais precisava, ela me deixa!". Mas aceitaram o pedido e deram o seu consentimento.

A sua saída de casa para Fortaleza foi muito cruel: choro e muito choro. No dia seguinte, entrou no Postulado, no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza. Ao todo eram 12 candidatas: 3 meses de experiência, primeira fase. Após esta

etapa, partiram todas para o Rio de Janeiro, viagem de navio, época da segunda guerra mundial, com destino ao Seminário do Matoso, para o Noviciado, com duração de um ano. Terminado o noviciado, foi indicada para Pacoti, na serra de Baturité, sua primeira casa, onde ficou por 20 anos, quando foi nomeada Superiora do Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz, no norte do Estado do Ceará.

Em Bela Cruz, apesar das dificuldades encontradas como fundadora da casa, foi muito feliz, passando 9 anos, desenvolvendo um apostolado profícuo, sendo transferida para o município de Viçosa do Ceará; em seguida, São Benedito, ambos na Serra da Ibiapaba e, por último, Aracati, não como superiora, mas dedicada à comunidade de Fortim, onde deu continuidade à sua missão evangélica, voltada, como sempre, para os mais necessitados, espiritual e materialmente.

Aceitava a mudança de uma casa para outra, como sendo fruto da vontade de Deus: amava os pobres e as crianças.

Sempre demonstrou ser uma pessoa pura, humana e companheira. O seu coração parecia viver, permanentemente, em festa quando falava de Deus. Cultivava a amizade: tinha muitos amigos e amigas, carismáticos ou não, todos eram da mesma corrente de orações e todos filhos de Deus.

No trabalho, mantinha-se muito alegre, sempre rezando um mistério do terço até concluir o rosário, no final da tarde. A Capela era o seu lugar preferido: lá ficava horas de olhar fixo no Sacrário, fazendo os seus pedidos. Uma ocasião, eu disse para ela: "Qualquer dia você vai ficar dentro desse Sacrário". Ela, apenas riu.

Certa feita, eu a ouvi dizendo, para outra religiosa, que havia chorado muito por mim. E eu, entrei na conversa e lhe

disse: "Não perca seu tempo: essas coisas fazem parte da vida". E ela retrucou: "É mesmo; chorar desse jeito só nos faz destruir. Temos que nos entregar para ELE e dizer: toma conta de mim, estou muito fraca".

Sinto uma saudade imensa de você, Maria Clara. Deveria estar em nosso meio, contagiando-nos com aquela alegria costumeira, com sua voz afinada como gostava de cantar.

Saudades! Saudades! Saudades!

Maria Albanisa Alcântara Brasileiro
Irmã de Maria Clara

A VOCAÇÃO: O POSTULADO E O NOVICIADO

"Não fostes vós que me escolhestes,
mas fui eu que vos escolhi..."
Jo 15,16

O POSTULADO E O NOVICIADO

Corria o ano de 1939. O mundo estava em guerra... No pequeno município de São Gonçalo do Amarante, região praiana, uma jovem, por nome Maria Clara, após terminar o seu curso, deixa a casa dos pais para servir a Jesus nos pobres.

À beira do mar, Jesus escolheu seus primeiros discípulos, os pescadores: André, João, Tiago, Pedro... "Vem e segue-me", eis o convite para uma missão: "Eu vos farei pescadores de homens" (Mc 1,17).

Repetindo a história, em Umarituba, Jesus passa, em 1939 e chama: Maria Clara...Maria Clara... E, ouvindo o chamado, ela se decidiu por segui-LO, acompanhando os passos de São Vicente de Paulo e de Santa Luiza de Marillac, na Companhia das Filhas da Caridade.

Maria Clara se despediu dos seus, ingressou no postulado, no Colégio da Imaculada Conceição, onde fizera seus estudos, sendo aí, instruída na vocação pelas suas mestras.

No postulado, aos poucos, ia compreendendo o valor e as exigências de sua vocação, deixando-se conquistar pelo Cristo, sua única Regra.

Terminado o postulado, Maria Clara partiu, de navio, para o Rio de Janeiro.

Como era tempo de guerra, o telegrama expedido pelas religiosas da Companhia das Filhas da Caridade, em Fortaleza, para o Rio de Janeiro, com destino ao Seminário do Matoso, causou grande celeuma entre as autoridades responsáveis pela segurança, uma vez que os termos eram mais ou menos assim: "Brasileiro segue dia tal, navio tal".

Superada tal dificuldade, tudo esclarecido junto a quem de direito (a situação era muito delicada, chegando mesmo a pensarem tratar-se de algum soldado/reforço brasileiro que pudesse complicar ou colocar em risco a situação já bastante tumultuada pela segunda guerra), ei-la no Matoso, perdida talvez, entre centenas de Irmãzinhas, para o tão esperado seminário, tempo precioso de recolhimento e de consolidação do chamado de Deus para o serviço dos pobres.

Após um pequeno retiro de 3 dias, em 31/5/1939, Maria Clara foi admitida na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Ela queria viver o ideal traçado por São Vivente e Santa Luiza de Marillac.

No Seminário, orientada por suas diretoras, a jovem ia, pouco a pouco, aprofundando a essência de sua vocação, deixando-se modelar pelo Cristo qual barro na mão do oleiro.

Chegou o momento sumamente esperado: o envio à Missão. Sob as asas brancas da "corneta", Soeur Brasileiro, com o nome de Irmã Catarina, parte para Pacoti, cidade do maciço de Baturité, no Ceará, para o Instituto Maria Imaculada: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça" (Jo. 15,16). Não vós, mas Eu!, diz Cristo. E aí está, exatamente, o fundamento da eficácia da missão.

Francisca das Chagas Vasconcelos
Ex-aluna de Bela Cruz

A MISSÃO EVANGELIZADORA:

INSTITUTO MARIA IMACULADA PACOTI (1939 a 1960)

"O JARRO DE CRISTAL"

"Eis-me aqui ... eu vim, ó Deus,
para fazer a tua vontade."
Hb 10,7

"O JARRO DE CRISTAL"

Irmã Catarina deixou o noviciado no Seminário do Matoso, no Rio de Janeiro, e chegou a Pacoti, em novembro de 1939: seu destino foi o Instituto Maria Imaculada. Pela formação e pelos dotes de que era detentora, Irmã Ferraz, Superiora da casa, designou-a para ensinar e acompanhar as atividades das alunas internas e externas do Colégio, na sala de artes (bordados).

No desempenho de sua função (o que fazia com muita dedicação, desprendimento e alegria), adoeceu. Submetida a um tratamento de saúde por mais de um ano e já totalmente curada, Irmã Catarina retornou às mesmas atividades.

Seu apostolado se desenvolvia junto às alunas, exercendo a disciplina e administrando aulas de bordado, sempre muito atenciosa com todas.

Essa ação missionária se estendia, também, aos pobres e necessitados, sobressaindo-se a mãe Joaquina. Em suas visitas aos pobres, exercia seu apostolado com muita dignidade e dedicação, levando, aos mais carentes, sua palavra de conforto e de carinho. Agia de maneira altruísta: jamais se referia a alguém de forma negativa ou com palavras ásperas. Tinha como arma poderosíssima a oração e, como suporte desta, o sacrifício e o silêncio. Mantinha um relacionamento com as Irmãs da casa, as religiosas, sempre primando pela união e compreensão. Amiga e companheira, sua maneira de agir era marcada, fortemente, pela dedicação ao próximo. Empenhava-se também no cultivo do jardim, como se tratasse do Éden. Apreciava muito as plantas, as flores e, sobretudo, o "copo de leite".

Na sala de bordados, era recebida e cumprimentada pelas

companheiras e alunas com os versos cantados: "Com um fio de ouro que vai e vem / Faz trabalhos / bordados bonitos também". (Irmã Terezita).

Em 1940, fundou a "OBRA DO BERÇO" destinada a agregar mães carentes e lhes proporcionar uma ocupação saudável, isto é, uma capacitação profissional que garantisse àqueles seres humanos necessitados uma qualidade de vida, tendo como meio de sobrevivência uma profissão. Ensinou a todas que por lá passaram (e não foram poucas), a bordar, a preparar enxovais para recém-nascidos e, como resultado, viu, com o continuar do tempo, o brilho nos olhos e o sorriso nos semblantes daquelas senhoras batalhadoras pela conquista de uma vida melhor.

Ao ser designada Superiora do Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz, sua Superiora, Irmã Ferraz, preocupada com o estado de saúde de Irmã Catarina, em decorrência de sua debilidade física, a ponto de chamá-la de "meu jarro de cristal", intercedeu por ela junto ao Padre Diretor da Companhia, sobre a falta de condições da mesma para assumir as funções como superiora de uma casa recém-criada. Mas a recusa por parte do Superior, em atender ao pedido, reforça, aqui, a necessidade de que sejam grafadas as palavras do Apóstolo Paulo endereçadas a Timóteo: "Deus nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude de seu próprio desígnio e graça...graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (2 Tm 1,9).

E, causando profunda saudade, uma lacuna impreenchível, após 20 anos, Irmã Catarina deixou Pacoti e iniciou sua missão, como Superiora, em Bela Cruz, a partir de 14 de fevereiro de 1960. Deixou para trás o clima ameno e acolhedor de Pacoti, com o qual já se havia habituado, para enfrentar o

clima tórrido de sertão/praia e o grande desafio de inaugurar e gerir uma nova empreitada: o Instituto Imaculada Conceição, de Bela Cruz, terra que adotou com ternura e gratidão e foi por ela também adotada.

Sempre silenciosa e humilde, encontrava na oração o apoio indispensável para vencer todas as dificuldades, com um sorriso nos lábios e os olhos inundados de lágrimas: um olho chorava e o outro sorria.

Francisca das Chagas Vasconcelos
Informações prestadas por Irmã Noemi Sales
e Irmã Angelina de Assis Paiva, Filhas da Caridade.

INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO
BELA CRUZ (1960 a 1969)

"O ANJO DA PAZ,
A APÓSTOLA DO BEM"

"... estreita é a porta e apertado
o caminho que conduz para a vida
e são poucos os que acertam com ele."
Mt, 7:13,14

"O ANJO DA PAZ, A APÓSTOLA DO BEM"

13 de fevereiro de 1960!

Luz! Brilho! Alegria! Entusiasmo! Corações em festa!

Bela Cruz se preparava para viver um dos mais gloriosos dias de sua história. Fogos, animação geral! Expectativa da maioria da população. Nervosismo por parte de alguns. Ansiedade por parte de todos.

Enfim, o sonho ia se tornar realidade!

Mas o que estava acontecendo? Que magia era essa que tinha o poder de transformar os habitantes de tão pacata cidade do interior, há bem pouco tempo emancipada?

Bela Cruz sempre aspirara por uma educação de qualidade para seus filhos. E aí estava o motivo da euforia geral.

Após alguns anos de trabalho, a comunidade, que não dispunha de colégio para que seus filhos estudassem além da 5ª série do atual ensino fundamental, de mãos dadas com o vigário Pe. Odécio Loiola Sampaio, empenhou-se na construção de um colégio capaz de ministrar os cursos ginasial e normal.

A população concretizava seus anseios: a inauguração do Patronato e Escola Normal Rural Imaculada Conceição de Bela Cruz. Para dirigir o complexo educacional e os destinos da educação da infância e da juventude da cidade, a escolha recaiu sobre as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac, e, para ocupar a liderança e assumir a responsabilidade maior, foi nomeada Irmã Catarina Alcântara Brasileiro, integrante da Companhia, como superiora da casa recém-criada.

Irmã Catarina Alcântara Brasileiro, designada pela

Visitadora da Província, a Irmã Marcillac, até então, vivia humildemente na cidade de Pacoti, no maciço de Baturité, escondida como uma pérola, e pura como um lírio, onde passou seus primeiros 20 anos de vida consagrada, dedicando-se aos pobres, preparando-se, espiritualmente, crescendo na fé e se fortalecendo na graça do Senhor para assumir a árdua missão de educar as crianças e adolescentes de Bela Cruz. Ali, não se limitou apenas a transmitir saberes informações e conhecimentos. Ela foi a grande arquiteta que transformou o destino dos jovens que dela se acercavam, impulsionando-os a alçarem grandes vôos, na conquista dos ideais que antes nem sequer podiam ser sonhados.

Com a saúde bastante frágil, Irmã Brasileiro (tratamento que será dado a partir de agora, por se tratar de superiora da casa) não hesitou em atender às ordens de Irmã Marcillac, tornando-se a primeira superiora daquele estabelecimento de ensino.

Entre as virtudes e qualidades de Irmã Brasileiro destacavam-se: a caridade, a obediência, a humildade, a fé e a perseverança, daí por que sua vinda para Bela Cruz resultou em grande vitória para o povo belacruzense e, para a Companhia das Filhas da Caridade, a confirmação de que "muitos são chamados e poucos os escolhidos".

Não restava dúvida de que a chegada das Irmãs de Caridade a Bela Cruz era, para o Vigário, um sonho, e ter Irmã Brasileiro como dirigente maior do estabelecimento de ensino constituía-se uma glória para Deus e um grande presente para a cidade.

Eis, pois, a razão de tanta alegria. Em 14 de fevereiro de 1960, tomou posse como Superiora do Patronato e Escola Normal Rural Imaculada Conceição Irmã Catarina Alcântara Brasileiro, juntamente com as Irmãs Ana Maria Meireles e

Bernadete Carvalho. Encontravam-se presentes à solenidade os Superiores da Companhia, seu idealizador, o vigário Pe. Odécio Loiola Sampaio, as autoridades locais, a comunidade belacruzense, bem como, das cidades vizinhas, as autoridades convidadas.

Iniciou-se em Bela Cruz a grande obra educacional e apostólica de Irmã Brasileiro, a *Ma-Mère* como assim seria chamada mais tarde por muitos.

Constituiu-se a grande difusora da caridade, disseminando-a entre a infância e a juventude e ensinando, através do próprio exemplo, o amor aos pobres e aos humildes. A sua vivência, o seu árduo e laborioso viver deixavam transparecer a dupla face de sua missão: religiosa convicta e educadora exímia. Com a sua consagração a Cristo adotou o lema: "amar a Deus servindo aos pobres".

Em sua nova casa, em Bela Cruz, Irmã Brasileiro viveu o seu *magnificat*, através de suas atitudes, de sua vida de sacrifício, de seu trabalho incansável como apóstola do bem e, sobretudo, de seu exemplo. Jamais deixou escapar alguma reclamação, um murmúrio, ao se deparar com as inúmeras dificuldades (que não foram poucas): referentes ao Patronato, àquelas advindas das necessidades prementes dos pobres e, até mesmo, das incompreensões próprias de seu árduo apostolado. Confiante no Altíssimo, ao superar um problema ela dizia: "Jesus é o tal". E de maneira silenciosa, humilde e agradecida, prostrava-se em oração: "A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador... Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias ...." (Lc 1,46-47-48-53).

Iluminada pelo Espírito Santo e, sob a proteção de São

Vicente de Paulo, em 1960, fundou a Associação Santa Luiza de Marillac que tinha por objetivo fortalecer a missão junto aos pobres desamparados, levando-lhes o conforto material e espiritual. Quando fundou a Associação, Irmã Brasileiro já conhecia as necessidades de seu povo, fruto das visitas freqüentes e, como que num milagre dos céus, a sua saúde já não era tão frágil, enfrentando sol e chuva, no exercício de sua missão. Como recompensa, Deus a culminou com suas bênçãos.

Paralelamente à sua obra apostólica, dedicou-se à educação e à formação cultural das crianças e adolescentes. E, assim, o Patronato se agigantava em seus resultados, como justa recompensa à sua tenacidade, na busca de ver concretizados os objetivos a que se propunha, enchendo de legítimo orgulho seu idealizador e todos os habitantes da cidade, que passaram a ter, naquele estabelecimento de ensino, um suporte de maior valia para a formação moral e educacional dos seus filhos, preparando-os para a vida. E isso pode ser facilmente confirmado: é só rebobinar o tempo e ver quantos que por ali passaram e se projetaram como profissionais competentes, dignificando, desse modo, os ensinamentos recebidos e, muitas vezes, servindo de exemplo aos iniciantes.

Em 1961, numa tentativa de aproximar mais os jovens da Igreja e, conseqüentemente, de Cristo, canalizando as energias juvenis para a causa do bem, formou grupos de oração e fundou a Associação das Benjaminas.

As Filhas da Caridade encontraram em Bela Cruz o terreno fértil de que precisavam para bem desenvolver a sua missão. Graças ao espírito comunicativo de sua superiora, existia muita cumplicidade entre as religiosas e as famílias, inclusive, entre elas e os alunos que viam na sua querida *Ma-Mère* uma apóstola do bem.

Irmã Brasileiro se deparava com muitas dificuldades em sua nova seara, mas, também, contava com a colaboração e compreensão de seu povo e com a dedicação dos alunos, principalmente, daquelas 10 alunas que formavam a primeira turma. Diante de uma dificuldade, ela orava em voz alta: "Deus provê, Deus proverá e a providência divina não nos faltará".

No zelo de seu apostolado, apoiava as vocações que iam surgindo.

Em abril e julho de 1961, inspiradas, provavelmente, no exemplo de Irmã Brasileiro, duas jovens belacruzenses, professoras do Patronato, Tereza Neuma de Vasconcelos e Maria do Perpétuo Socorro Carvalho, respectivamente, deixaram sua terra natal e iniciaram o seu postulado, preparando-se para ingressarem na Companhia das Filhas da Caridade.

Em 1962, Irmã Brasileiro, constatando que os filhos das famílias carentes não iam à escola com a freqüência desejada, fundou o Externato Santa Luiza de Marillac, com a oferta de matrícula a todas as crianças da periferia (Rua Nicolau Peixoto / Rua do Barro e adjacências), iniciando, na cidade, um belo trabalho social de inclusão dos menos favorecidos, oportunizando àquelas crianças educação igualitária e de qualidade.

Aos poucos começou a colher os frutos de seu trabalho cotidiano.

Em 1963, a primeira turma concluiu o curso ginasial e, com o patrocínio do vigário, Irmã Brasileiro promoveu uma excursão às cidades de Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte, ao sul do estado, oferecendo às concludentes mais uma oportunidade para ampliarem seus conhecimentos, uma vez que o roteiro contemplava uma visita à Escola Normal Rural de Juazeiro do

Norte, dirigida pela Professora Amália. Isto porque, a pretensão inicial, como o próprio título indicava Patronato e Escola Normal Rural Imaculada Conceição era implantar o Curso Normal Rural em Bela Cruz. A excursão transformou-se em verdadeira fonte de cultura para as formandas. Após alguns estudos, a idéia de Escola Normal Rural foi substituída por Escola Normal, oferecendo o curso pedagógico às suas alunas. Com a tramitação, junto ao Conselho Estadual de Educação, da documentação necessária à legalização do curso, volta o nome inicial, já consagrado, de INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO.

Em 1963, fundou o Clube das Mães Santa Mônica destinado a desenvolver, junto às mães carentes, habilidades de pintura, bordado, tapeçaria, crochê, tricô, corte e costura, culinária e confecção de enxovais para recém-nascidos. Depois de algum tempo de atuação, o Clube Santa Mônica assinou convênio com a Legião Brasileira de Assistência – LBA.

A obra apostólica da incansável Superiora não parou por aí. Com um sorriso nos lábios e uma lágrima constante no olho esquerdo, ela conquistou os alunos e as famílias belacruzenses. A fama desse convívio sadio e agradável ultrapassou as fronteiras do município de Bela Cruz, despertando nas famílias dos municípios da redondeza, como Cruz, Marco, Morrinhos, Santana do Acaraú, Novo Oriente, entre outros, o desejo dos pais de que suas filhas usufruíssem da boa convivência, da educação e da formação religiosa que Irmã Brasileiro oferecia, juntamente com as demais Companheiras que, aos poucos, iam chegando para fortalecer a Comunidade Religiosa.

O ponto de equilíbrio era encontrado pela Superiora, em perfeita sintonia com o vigário, cujos laços de amizade ditavam o ritmo de sua ação benéfica. Daí, então, a procura por regime de

internato, gerado por essa demanda inesperada, formada por famílias das cidades circunvizinhas. Após consulta feita ao vigário, uma espécie de provedor do Instituto, Irmã Brasileiro dirigiu-se à Irmã Marcillac que, diante dos bons resultados, já contabilizados, aquiesceu à idéia. O internato foi aberto e foram recebidas 20 adolescentes.

No ápice do seu dinamismo, Irmã Brasileiro, com a humildade que lhe era peculiar, festejou seu Jubileu de Prata de vida religiosa – a consagração de uma vida na doação total a Deus e aos pobres, através da Companhia das Filhas da Caridade, em 31 de maio de 1965.

As homenagens àquela que vivificou, com seu trabalho e dedicação, a educação e a cultura da cidade, brotaram, espontaneamente, dos mais diferentes setores organizados e fluíam com a gratidão e o carinho do povo.

O dia festivo iniciou-se com uma missa solene, em ação de graças, na Igreja Matriz. Em seguida, aconteceu a bênção da Imagem de Nossa Senhora das Graças, que derrama, até hoje, suas bênçãos sobre os jardins do Colégio, fechando à noite, com uma sessão majestosa, no auditório do Instituto onde todos entoavam num coro uníssono, o hino do Jubileu de Prata, como se um salmo fora, deixando o próprio coração falar de gratidão e de felicidade, por Deus ter-lhes enviado o Anjo da Paz. Estas manifestações foram para a jubilada, emoção em demasia.

O hino jubilar é de autoria de dois belacruzenses, sendo letra de uma aluna normalista, da primeira turma, e música de um autodidata. Ei-lo:

HINO À IRMÃ BRASILEIRO – JUBILEU DE PRATA (31/5/1965)

Letra: Francisca das Chagas Vasconcelos
Música : João Venceslau de Araújo

Prazenteira a natura reveste
Em roupagem de gala a cantar
A cidade que hoje oferece
A *Ma-Mère* seu nobre saudar

ESTRIBILHO
Salve! Forte brado que ecoa!
Em crescente expansão de vitória
Deste povo que alegre entoa
Saudação vibrante e notória
Num clamar que ao longe reboa
Irmã Brasileiro, campeã da glória!

Bem contentes aqui reunidos
Em roupagem singela e grata
Comemorando anos bem vividos
Da *Ma-Mère* o Jubileu de Prata.

Mais um ano que hoje decorre
No apostolado da fé e d'amor
Em trabalho divino transcorre
Sua vida de fúlgido esplendor.

Fez parte das comemorações a leitura de um relato sobre a vida da homenageada, permeado de encenações, trazendo ao palco das emoções cenas vividas no seu dia-a-dia, acentuando, ainda mais, a tão conhecida lágrima do olho esquerdo, detalhes que só o bem-querer tem olhos para ver, e que, nessa ocasião, pela sensibilidade da jubilada, misturou-se às demais que brotavam em

profusão. A pureza de espírito e a extraordinária caridade que comandavam suas ações garantiram à Irmã Brasileiro a certeza da sinceridade das homenagens movidas pela nobreza de sentimentos daqueles que a cercavam, gratos e felizes pela grande dádiva de Deus tê-la enviado a Bela Cruz para, como sua representante, dar início e continuidade à ação missionária. Sensibilizada ao ver brotar, espontaneamente, dos corações ali presentes, a resposta ao seu trabalho, levantou-se e, profundamente comovida, com a voz embargada pela emoção e pelas lágrimas, agradeceu a todos, como só o sabem fazer os predestinados, os grandes, as pessoas generosas, os escolhidos do Altíssimo.

Carismática, Irmã Brasileiro se dedicou aos pobres sem, no entanto, se esquecer de sua missão de educadora. Ministrava aulas de economia doméstica às turmas mais adiantadas e, principalmente, à primeira turma, a mais amadurecida. Considerava-a e a tratava como "a menina de seus olhos", como se aquelas alunas representassem a prova viva do desafio para o qual fora convocada; e a recíproca era verdadeira.

As 10 discípulas que formavam a primeira turma, faziam do colégio o seu segundo lar e, de Irmã Brasileiro, a mãe, a amiga, a confidente. Por todos os dotes de que era possuidora, privava da amizade e do acolhimento de todos os belacruzenses. Suas virtudes, mais uma vez, foram cantadas em versos; e mais um hino é composto em sua homenagem.

"HINO À IRMÃ BRASILEIRO"

Letra: João Damasceno Vasconcelos
Música: João Venceslau Araújo

Mensageira de Jesus como é branda
Tua voz que nos fala na dor
Um só norte tua vida comanda
A vontade de Nosso Senhor.

Irmã Brasileiro, nosso peito te aclama
Mãe dos pobres, sem conforto e sem lar
Que te mostre Jesus quanto te ama
Pelo bem que te vê derramar.

Nossas almas em preces e cantos
Vêm saudar-te, enviada de Deus,
E depor a teus pés neste dia
A alegria dos cânticos teus.

Ó recebe, Irmã Superiora,
Homenagem de amor filial
Deste povo que vem nesta hora
Implorar-te o favor maternal.

Encontrava-se sempre à frente, como a líder maior, em todas as atividades religiosas, educacionais, culturais e cívicas da cidade, quando o Instituto era a estrela candente, aproveitando sempre as oportunidades, para proporcionar, não só ao corpo discente mas à comunidade belacruzense, o que havia de melhor, em termos de ensinamento nas áreas da educação, da cultura e da história do seu povo, do Estado do Ceará e do Brasil. O campo religioso, este, era, altamente, privilegiado com a vivência diária e, nas grandes festas do ano, como Semana Santa, Mês de Maio,

Corpus Christi, festa da Medalha Milagrosa e Natal, eram sempre acrescentadas informações, ocasiões em que, na sua sabedoria, Irmã Brasileiro tinha a oportunidade ímpar para proporcionar aos alunos motivação para desenvolverem seus dotes artísticos, através de encenações/dramatizações voltadas para a celebração do momento. O pastoril, em dezembro, por ocasião do Natal, mostrava o potencial para a dramaturgia que existia nos alunos, na juventude de modo geral e, em senhores da comunidade que eram envolvidos nestes eventos. No mês de setembro de cada ano era comemorada a maior festa cívica: a Semana da Pátria, entrando em cena, mais uma vez, alunos e comunidade. Estes festejos amalgamavam toda a comunidade; e foi, assim,brincando que ela ensinou solidariedade,fazendo-a.

O ano de 1966 foi, extremamente, rico de emoções para toda a cidade de Bela Cruz, pois Pe. Odécio Loiola Sampaio, primeiro e único vigário até então, comemorou seu Jubileu de Prata de sacerdócio. O Instituto era a razão de ser de sua vida, em termos de realizações na Paróquia, e sua Superiora liderou todas as ações voltadas para este evento. Não só o colégio se dedicou às comemorações, como toda a família belacruzense e as Capelas, em número de 8 (oito), todas construídas e assistidas por ele. Havia uma orquestração geral para que todos homenageassem o pastor jubilar a 30 de novembro de 1966. A maestrina desta grande orquestra foi, sem sombra de dúvida, Irmã Brasileiro auxiliada pelas demais religiosas da Casa, pelo corpo docente e discente e autoridades do município.

Poucos dias após o término da grande celebração, em 10 de dezembro de 1966, novas e diferentes emoções embalaram a cidade, e a Superiora com sua fiel equipe encontrava-se, sempre, de prontidão. Desta feita, a festa foi genuína do Instituto, embora

para ela estivessem voltadas todas as atenções das famílias e da cidade como um todo. Após uma gestação de 7 (sete) anos, o colégio abriu seu ventre e entregou à sociedade sua primeira turma de professoras normalistas, constituída por dez jovens idealistas, aptas para o exercício do magistério. Bela Cruz esbanjava felicidade, e Irmã Brasileiro, com sua maestria, sorria e, ao mesmo tempo, chorava de reconhecimento e emoção: colhia os primeiros frutos da messe que lhe fora confiada e, como operária zelosa, continuava regando com a química do trabalho, da fé, da caridade e da humildade, o terreno que lhe fora entregue. Irmã Brasileiro acolhia a todos com afeto e gratidão. A convivência amiga fez com que as concludentes não batessem asas, como pássaros à procura de novos ninhos; ao contrário, fortaleceram os laços de amizade, de carinho, de afeto e, sobretudo, de gratidão, aconchegando-se ainda mais àquela considerada sua mãe intelectual e espiritual. Sob a batuta de Irmã Brasileiro, as professoras recém-formadas passaram a dar aulas no próprio Instituto, onde já ensaiavam os primeiros passos como educadoras. A conclusão do Curso Normal por esta turma fez com que Irmã Brasileiro instituísse o dia do ex-aluno, comemorado a 15 de maio de cada ano. Julho de 1967 – Após o término de curso da primeira turma de professoras normalistas, Irmã Brasileiro promoveu uma viagem de estudos às cidades de Recife, Natal, João Pessoa e Campina Grande. Acompanharam a turma, nessa viagem, Irmã Maria Luiza e Irmã Stela Góes (Irmã Tereza). Nesse mesmo ano, mais um desafio surgiu para a Superiora: a necessidade de negociar recursos com a Alemanha para a construção de um novo espaço para melhor acolher as Irmãs – a Comunidade, destinando aquele, anteriormente ocupado, para as atividades educacionais.

Janeiro de 1969 – Irmã Brasileiro atendendo à convocação da Visitadora, Irmã Marcillac, transferiu-se para Viçosa do Ceará. Após 9 anos no exercício de um apostolado profícuo, de uma convivência proveitosa com a família belacruzense, deixando saldos e marcas bastante positivas para si e para o povo de Deus, Irmã Brasileiro seguiu para um novo desafio. Sua transferência deixou em todos uma imensurável desolação e um vazio difícil de preencher. Foi como se a orfandade tivesse batido à porta de cada um. Reconfortava-nos, no entanto, a certeza de que os alicerces ali fincados, na educação, pela Irmã Brasileiro não poderiam ruir, porque foram amalgamados com dedicação, amor e muito trabalho indormido. E ela saiu com a confiança de que o seu nome ficaria inserido na história daquela terra a que serviu, segundo os ditames de sua Companhia, com a grandeza do amor que dedicava àquela gente. Autêntica missionária, religiosa exemplar, encontrava-se sempre disponível e, quando da sua ida para Viçosa do Ceará, ela não viajou sozinha: ao seu lado, em sua companhia estiveram autoridades locais a quem foi dada a honra de conduzi-la à nova casa que a esperava de braços e corações abertos. 31 de maio de 1969 – Renovação de votos de Irmã Brasileiro, desta feita em Viçosa do Ceará. Bela Cruz se fez presente através de seus alunos, professores, religiosas, vigário e autoridades que se deslocaram em um ônibus, especialmente fretado, para lhe prestarem as merecidas homenagens e visitá-la, levando o calor de seu afeto e de sua gratidão por tudo que ela fez pela cidade e pelo seu povo. A distância quilométrica que nos separava de Irmã Brasileiro, com sua ida para Viçosa do Ceará, não obstaculizou a continuidade dos contatos com ela. A maior parte de seus ex-alunos e do povo que com ela privou, de modo mais próximo, soube, como ninguém, construir um elo de

comunicação: era uma ponte de mão dupla, porque gratificava, de modo singular, ambas as partes. Mesmo depois que saiu de Viçosa do Ceará, em São Benedito e, depois, Aracati, enquanto sua saúde e seus Superiores permitiram, visitava Bela Cruz, levando sua palavra de fé aos amigos e de esperança aos necessitados. - 29 de setembro de 1971 – A Câmara Municipal de Bela Cruz, em sessão solene, por força da Resolução nº 2 da mesma data, outorgou o titulo de Cidadã Belacruzense à Irmã Brasileiro, como prova de reconhecimento e gratidão pelo muito que ela fez pela cidade e pela sua gente. 30 de novembro de 1991 – Jubileu de Ouro de sacerdócio de Monsenhor Odécio Loiola Sampaio. Irmã Brasileiro se fez presente em Bela Cruz para abrilhantar as comemorações desse grande evento. Espírito infatigável pregava a obediência como uma das grandes virtudes. Dizia sempre que a obediência fazia milagres e citava, como exemplo, o que aconteceu consigo, em Pacoti, quando Irmã Ferraz designou-a para ensinar labirinto às mães carentes. Segundo seus relatos, mesmo sem saber, não se negou a cumprir tal ordem. Saiu a pesquisar, a perguntar a um e a outro como se fazia labirinto, chegando mesmo a desmanchar uma pequena peça do bordado e, quando passou a dominar a técnica, colocou-a em prática, ministrando as solicitadas aulas: eis por que afirmava que a obediência fazia milagres. Irmã Brasileiro nasceu para ser Filha da Caridade. Não foi fácil para ela percorrer a estrada, palmilhar o caminho árduo do apostolado que lhe fora indicado pelos superiores, e que sua opção de ser Irmã de Caridade exigia. Detentora de grandes virtudes prosseguiu seu caminho, superando obstáculos, de toda ordem, inclusive, problemas de saúde, mas, com a sua abnegação, soube, com sabedoria, encontrar as soluções mais adequadas para os problemas que iam surgindo. Verdadeira missionária, por onde

passou, exerceu com humildade e dedicação seu trabalho, sua missão. Em Bela Cruz estiveram as religiosas que inauguraram a casa com ela e, de acordo com as necessidades demandadas pelo Instituto, a elas vieram se agregar as Irmãs Noemi Sales (Irmã Maria José), Irmã Maria Luiza Almeida, Irmã Stela Colares Góes (Irmã Tereza) e Irmã Angelina de Assis Paiva, constituindo-se em verdadeiros esteios para a continuidade da obra ali edificada pela Irmã Brasileiro. Neste espaço reservado a Bela Cruz, a família belacruzense, os pobres, os alunos, os ex-alunos, as autoridades, os amigos, o vigário, enfim todos quantos a conheceram ou dela ouviram falar e/ou testemunharam os seus feitos, prestam à IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO, *in menoriam*, o preito da mais profunda gratidão e do mais sincero reconhecimento pelo muito que fez a esta terra que, ela mesma, em seus arroubos, costumava dizer "sempre BELA e sempre CRUZ".

Este testemunho que ora presto, faço-o para satisfazer um desejo que sempre acalentei de que um maior número de pessoas possa conhecer o seu trabalho e para que o seu nome fique, indelevelmente, marcado em nossa memória e na de todas as gerações futuras. A sua modéstia, qualidade que lhe era peculiar, talvez até o dispensasse, mas, lá no assento eterno onde se encontra, por certo há de compreender que as letras, aqui grafadas, procuram tão-somente pintar, com fidedignidade, o quadro de nossa gratidão.

Francisca das Chagas Vasconcelos
Ex-aluna de Bela Cruz

PATRONATO TENENTE ÂNGELO DE SIQUEIRA PASSOS VIÇOSA DO CEARÁ (1969 A 1975)

"ALMA SERVENTE DO AMOR DIVINO"

"Bem-aventurados aqueles que têm
o coração puro, porque verão a Deus."
Mt, 5:14-16

"ALMA SERVENTE DO AMOR DIVINO"

Era o ano de 1969; estávamos na belíssima cidade de Viçosa do Ceará. Nossa Casa recebeu um maravilhoso presente: a presença doce e amável de Irmã Brasileiro, nossa Irmã Servente. Irmã Servente é a designação que recebem as Irmãs que estão à frente dos trabalhos, são responsáveis pelas irmãs e dirigem a Casa. Servente é aquela que serve, mas é um serviço plenificado de amor, que só as almas verdadeiramente agraciadas são capazes de realizar. Servente é aquela criatura que encontra Jesus Cristo no próximo. Aquela que diante dos necessitados não conhece montanhas; não percebe nem o frio nem o calor, ignora as distâncias... Cada NÃO que entra pelos seus ouvidos tem som de SIM. SERVENTE É A SERVIÇAL DO AMOR DIVINO. Tudo isso é tão pouco, quando se tenta definir o serviço criativo realizado por Irmã Brasileiro! Ela correspondeu verdadeiramente ao título que recebeu e, durante anos, neste ofício, foi modelo de vocação, doação e renúncia, revelando-se uma verdadeira filha de São Vicente de Paulo.

Anos de Paz, aqueles!

União e Caridade moravam naquela casa... Nossa porta era a mais procurada. E quem chegava até nós eram os mensageiros de Deus: o povo pobre, simples e humilde, cujo patrimônio era a necessidade! Nesses momentos, nossa obrigação é acolher, sabemos disso! Irmã Brasileiro, no entanto, servia e acolhia aqueles pequeninos como se fossem verdadeiros nobres! Não dizia: façam assim! Tomava a iniciativa e tudo realizava com Amor e Caridade.

Não posso dizer que se tratava de uma tagarela, apesar de

comunicativa, amiga, caridosa e aberta ao diálogo. Tinha, na verdade, uma necessidade constante de acolhimento. Naqueles momentos solitários de oração silenciosa diante do Crucificado e da Virgem Maria, nossa Irmã Servente descobria a cada novo dia, o verdadeiro sentido da vida: O AMOR INCONDICIONAL AO PRÓXIMO!

E quem é de fato o meu próximo?! Creio que ela nunca fez essa pergunta! O próximo para Irmã Brasileiro era a necessidade sem rosto. Pensando assim, ela foi uma espécie de ANJO DIVINO DO SERVIÇO APOSTÓLICO. Não era uma personalidade paternalista. Não entregava o peixe. Através de conselhos e orações ensinava a importância da paciência e da perseverança. Através do ensino profissional de trabalhos manuais, mostrava o valor e a dignidade do ser humano. Irmã Brasileiro faz parte da história de Viçosa do Ceará e de outras cidades, pois os filhos de cada cidade por onde passou viam em sua pessoa a verdadeira figura de uma mãe. Seus posicionamentos eficazes tinham uma encantadora beleza: ela não precisava falar porque conhecia o valor do silêncio. Rezava e agia, desenvolvendo, assim, a máxima de nosso Pai São Vicente de Paulo. "Dá-me um homem de oração e eu te direi que ele é capaz de tudo". Agia! Era preciso praticar o voto de promoção dos mais necessitados. Quando tomava para si o serviço de orientação profissional dos pobres, preparava-os para os desígnios divinos. Eles pertenciam ao futuro e "o futuro a Deus pertence" - Madre Teresa de Calcutá.

O futuro dos pequeninos de Deus, nossa nobre Irmã ajudou a construir e, para esta construção, usou o amor como ARGAMASSA. Às vezes, tenho a impressão de que Irmã Brasileiro tinha impressos na alma os mapas das cidades por onde passou e, ignorando muros e portas fechadas, foi uma exímia

educadora. Não vendia conhecimentos. Em sua mentalidade vicentina, o essencial era instruir o povo. E a criança é gente, assim sendo, criança é povo de Deus. E para cada criança ausente da sala de aula, havia uma estratégia de resgate. Para estudar, o importante era a disposição para aprender! E o poder aquisitivo?! Muito importante, jamais indispensável! Apoiada neste pensamento ela foi responsável pelo ingresso de muitos jovens nas várias Universidades do nosso Estado. Se foram alunos de sucesso, é porque o alicerce foi verdadeiro. Se hoje ocupam lugar de destaque como engenheiros, advogados, médicos e tantas outras profissões, jamais esquecerão uma fada madrinha que lhes embalou os sonhos na infância: Irmã Brasileiro! Ela simplesmente acompanhava todos. E, nessas horas, tomava com decisão a lanterna do amor e partia para a semeadura da esperança! No campo de batalha, confundiam-se mãe e filha, pois, embora o trabalho fosse desenvolvido por uma Filha da Caridade, parecia que a própria Caridade ardia nos corpos aparentemente insensíveis daquelas criaturas carentes.

Irmã Brasileiro! Como defini-la?! Autêntica, piedosa, amiga, carismática... O que teria sido na vida?!

Uma vida toda devotada a Deus, numa luta reparadora.

Um instrumento de reparação escolhido por Deus e, colocado diante de cada SERVENTE para a plenificação de seu AMOR.

Irmã Francisca Araújo
Filha da Caridade

IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO, EM VIÇOSA DO CEARÁ:

UM EXEMPLO A SEGUIR

Conheci Irmã Brasileiro em fevereiro de 1969. Estava ela chegando a Viçosa do Ceará, com a incumbência de assumir a Direção do Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos, Escola dirigida pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, onde eu estudava e, em cujo cargo, permaneceu até fevereiro de 1975.

Após a despedida com lágrimas e a demonstração de saudade da comitiva vinda da cidade de Bela Cruz, e findas as manifestações de boas vindas feitas pelos viçosenses, eu a vi caminhar sozinha e pensativa rumo à porta principal do Patronato, que, a partir de então, estava sob sua responsabilidade. Lembro-me, ainda, de ter-me aproximado dela e, apresentando-me como aluna (ginasiana) do Patronato, ter salientado, com prazer, ser sua vizinha e que, a partir dali, estaria à sua disposição. Ela me acolheu com um abraço, e eu reparei nos seus olhos as lágrimas choradas pela emoção, até então sentida e que, insistentemente, teimavam em cair. Irmã Brasileiro, por mim e por muitos, era assim chamada. Durante o período em que conosco conviveu, mostrou-se uma pessoa amiga, cordial, caridosa, humanitária, capacitada para a função de Diretora e, mais ainda, uma grande missionária. Um ser humano que, na grandiosidade e simplicidade de sua vida, fez um trabalho educacional e social nesta cidade de Viçosa do Ceará, onde ainda hoje, após trinta anos de sua saída, é lembrada e querida pelos que a conheceram e com ela conviveram, perante seus trabalhos e exemplos deixados. Por carregar, fazendo parte integrante de

seu nome, a palavra "Brasileiro", carinhosamente, era chamada de "Nacional". Acho que, se pelo nascimento trouxe em seu nome a palavra "Brasileiro", desde os primeiros momentos de sua vida trazia, também, em seu espírito, a semente do conhecimento e da dedicação exclusiva às causas sociais, dos sentimentos de caridade, e de amor ao próximo. Comprovou, assim, trazer escrito no íntimo de sua alma a particularidade genuinamente brasileira, vista em seu nome e caracterizada no seu exemplo de vida.

Irmã Brasileiro – Educadora

Na condição de Educadora, conduzia a escola com harmoniosa maestria: disciplina, tenacidade, seriedade, otimismo, bondade, religiosidade e muita alegria. Mantinha contato direto e constante com a classe estudantil, motivando-a e estimulando-a ao estudo, supervisionando o andamento e progresso de cada um, em particular. Os alunos e alunas, a todos conhecia, individualmente. Igual procedimento tinha para cada uma de suas famílias, a todos encorajando em suas possíveis dificuldades. Confortava-os nas visitas. Com todos, estabeleceu laços de estreita amizade. Tínhamos a escola como uma continuidade de nossos lares. Estávamos sempre envolvidos com o Patronato, com seus empreendimentos e movimentos. Grande estimuladora à prática esportiva. Lembro-me das Olimpíadas Ibiapabanas que, graças ao seu entusiasmo e vitalidade, sob todos os aspectos, facilitava, a nossa atuação. Foi mentora da construção da quadra esportiva do Patronato, em regime de mutirão, e soube envolver e estimular

toda a comunidade estudantil que, entusiasmada e feliz, a ela se dedicava. Além de incentivadora, colaborava com sua participação direta em todos os movimentos culturais, como a criação do Jornal Estudantil O MEV (Movimento Estudantil Viçosense) e eventos artísticos, como festivais folclóricos, de músicas, poesia e diversas comemorações festivas. A Biblioteca era um dos ambientes mais freqüentados pela classe estudantil, devido ao estimulo e à exigência da leitura.

Irmã Brasileiro – Missionária: "A Educação como missão divina"

Evangelizar e humanizar era a sua meta principal. Educar para formar bons cidadãos era seu permanente objetivo de vida. Deixar em todos a consciência da descoberta do sentido de suas vidas, para si e para com os outros, era um dos parâmetros de seu trabalho. Contribuir para tornar as pessoas conscientes, honestas e compromissadas, era a sua missão. Grande Evangelizadora, sempre envolvendo a classe estudantil num clima de religiosidade, proporcionando amiúde, momentos de retiro espiritual, cursos bíblicos, aprofundamento sacramental, ênfase na catequese, criação de grupos de jovens com a participação em treinamentos de liderança (Treinamento de Liderança Cristã).

Irmã Brasileiro – "Filha de São Vicente de Paulo"

Exemplar cumpridora fiel dos votos de "Irmã de Caridade", mostrou, na prática da vida, no seu dia-a-dia, uma

dedicação incondicional ao respeito e à dignidade humana vendo a causa do pobre, do mendigo, do menor carente, da gestante e das mães pobres e do desempregado . Como exemplo prático, cito o caso "Chicuta", mendiga viçosense, sem lar e sem parentes, a cuja proteção pudesse recorrer. Foi acolhida em regime de hospedagem definitiva, no Patronato. Para isso, teve a Irmã Brasileiro o cuidado de construir, no próprio prédio do Dispensário dos Pobres, um quarto que, até o fim de sua vida, lhe serviu de morada, com a garantia da assistência digna e notavelmente humana de Irmã Letícia, missão determinada pela Irmã Brasileiro.

Numa época em que Assistência Social, ainda, não era considerada um direito do cidadão nem obrigação do Estado, Irmã Brasileiro conseguia angariar subvenções sociais do governo, convênios com a LBA (Legião Brasileira de Assistência) e mobilizar a comunidade através de festivais, shows, campanhas, patrocinadores etc. e mantinha em constante funcionamento obras como:

- O dispensário dos pobres (em continuidade ao trabalho das precursoras), prestando atendimento à velhice desamparada, com alimentos, visitas domiciliares, encontros regulares, atendimento individualizado etc;
- Manutenção de creches para alfabetização de crianças carentes com risco nutricional (em dois turnos);
- Sala de aulas extras para alfabetizar alunos (crianças carentes), fora da faixa etária para o ensino regular, com ajuda de alunas da 8ª série do Patronato (monitoria);
- Clube de mães pobres e de gestantes, onde estas aprendiam os mais diversos ofícios: costurar, bordar, pintar, cozinhar e outros serviços domésticos, confeccionando os seus

próprios enxovais e revertendo-se o lucro da comercialização das respectivas peças (colocadas em exposição) em benefícios delas próprias.

- Cursos profissionalizantes (extra sala de aulas) para os jovens, explorando o artesanato local: em palha, em barro, em madeira e, também, cursos de carpintaria, hortas caseiras, pintura de parede etc. Conseguiu, através de seu carisma, conquistar a simpatia, a credibilidade dos viçosenses o que se reverteu em ajuda voluntária de muitos, dentre estes salientamos a continuidade das Associações agregadas às Irmãs de Caridade: Voluntárias da Caridade (Associação composta pelas senhoras da sociedade viçosense), as Luizas (senhoritas da sociedade viçosense) e Luizinhas (adolescentes, alunas do Patronato, com o mesmo propósito engajadas neste serviço).

Sinto-me feliz por poder me inserir neste contexto, por ter vivenciado no Patronato, através das Irmãs e, em especial, através da Irmã Brasileiro e da Irmã Francisca Araújo, esta prática de humanismo em todas as suas fases: aluna, monitora, Luizinha, Luiza, Voluntária da Caridade e, também, professora desta casa. Iguais a mim, tantas e tantos existem a demonstrar, com o seu testemunho, a eficaz presença da Irmã Brasileiro em nossa formação humanístico-profissional e religiosa. Hoje, 12 de agosto de 2006, data em que Irmã Brasileiro completaria 90 anos de sua existência, constitui-se para mim (e, mais ainda, no final deste trabalho, resultado de uma reflexão profunda e testemunhal) a felicidade plena por deixar rememoradas, dentro de mim, lembranças inesquecíveis de tempos que, também, já se passaram....

Tereza Cristina Mapurunga Miranda Magalhães
Ex-aluna de Viçosa do Ceará

PATRONATO
DONA MARIA LUIZA
SÃO BENEDITO (1975 A 1984)

"ALMA DE LUZ"

"Assim brilhou também a Vossa Luz diante dos homens, para que vejam tuas obras e glorifiquem Vosso Pai que está nos Céus."
Mt, 5:14-16

"ALMA DE LUZ"

Nomeada Irmã Servente/Superiora do Patronato Dona Maria Luiza, em São Benedito, na serra da Ibiapaba, em 1975, Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro continuou sua vida de religiosa abnegada, dedicada ao serviço dos pobres, em nome do Altíssimo. Totalmente voltada para os necessitados, dedicou-se à educação, dando preferência aos filhos das famílias mais carentes da periferia da cidade: fundou escolas nos sítios, proporcionando às crianças um atendimento carinhoso o que fazia com que estas crianças se desenvolvessem rapidamente. Eram alfabetizadas e permaneciam ali até a 4ª série. Reabriu a Escola Nossa Senhora das Graças (Escolinha) que havia sido extinta tornando-a viva, freqüentada por crianças de famílias necessitadas, com uma matrícula bem satisfatória, funcionando no Anexo do Centro Educacional Virgem Poderosa. Em convênio com a Legião Brasileira de Assistência – LBA, manteve os seguintes cursos: corte e costura, bordados, culinária, manicura, conseguindo promover muitas senhoras carentes que, até então, estavam entregues à ociosidade. Ainda com a LBA, manteve três creches, freqüentadas por crianças de 1 a 4 anos, com direito à alimentação, recreação e iniciação ao processo de aprendizagem.

Com muito carinho, caridade e compreensão, atendia às prostitutas, procurando orientá-las para uma vida mais digna e mais humana. Como Diretora do Centro Educacional Virgem Poderosa, voltava o seu olhar e o seu pensamento para os jovens e crianças mais difíceis, na tentativa de resolver os seus problemas, dentro do espírito cristão, tornando-os conscientes de seus deveres, no seio de suas famílias.

Sua disponibilidade era permanente, colocando-se sempre a serviço de todos que ficavam sob sua responsabilidade, e o fazia com a convicção de que era esta a nobre missão para a qual fora escolhida, não deixando nenhum pobre sair de mãos e corações vazios: proporcionava-lhes sempre uma palavra de conforto.

Em fevereiro de 1984, foi transferida para o Instituto São José, em Aracati.

Irmã Maria Stela Colares Góes
Filha da Caridade

"ALMA DE LUZ"

Convivi quase seis anos com Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, como Coordenadora da Comunidade Religiosa e Superiora do Patronato Dona Maria Luiza, em São Benedito, Serra da Ibiapaba. Esse período foi o suficiente para constatar o quanto Irmã Brasileiro amava os pobres e a Comunidade a quem dedicou toda a sua vida de Filha da Caridade. Posso afirmar que esse testemunho muitos o darão. E, agora que ela passou para o outro lado da vida, muitas pessoas lembram, com carinho, os benefícios e o exemplo que dela receberam gratuitamente. Somese ao que foi dito um profundo espírito de oração e uma devoção afetiva e efetiva à Nossa Senhora. E, para ela, estes poemas:

"ALMA DE LUZ" (13 de maio de 2003)

Alma de luz que partiste
Para as paragens divinas,
O teu amor inda existe
E a todos nós ilumina.

Alma de luz, que encontraste
Na beleza dos caminhos?
Foi o mesmo que tu sonhaste!
Montanhas, flores e ninhos?

Alma de Luz que espalhaste,
Do sol, os raios fulgentes,
outro SOL já encontraste,
Noutras colinas virentes.

Alma de Luz que ouviste
A cantiga de outras fontes,
E de longe distinguiste
A sinfonia dos montes.

Alma de Luz que sentiste,
Da brisa, a sonoridade.
Já sabes em que consiste
Mergulhar na caridade.

Alma de luz que buscaste
Mais amor do que outrora.
Com Cristo ressuscitaste,
Tomando as vestes da aurora.

Irmã Lúcia Orestes
Filha da Caridade

"ACRÓSTICO PARA ALGUÉM QUE PARTIU"
13/11/2003

Iremos todos pela mesma estrada,
Rios e mares iremos transpor.
Montanha acima, fonte iluminada
Ainda vibram com o teu amor.

Mais uma estrela brilha n'amplidão
Assim quero dizer de tua vida,
Raio de luz que espalha seu clarão.
Inda te vejo cheia de coragem,
Ao proclamar que foste tão querida.

Clareia o dia e a alvorada,
Levando a nuvem dourada
Aclarando a natureza
Rumoreja a bela fonte
Ao aclamar tua grandeza.

De Deus tu és predileta.
E tens alma de poeta.

Açucena tu serás,
Lírios tu encontrarás,
Cantando pelos caminhos
Andarás pisando em rosas.
No jardim, flores mimosas
Tirarás para a oferta,
A oferta vespertina.
Riacho d'água cristalina,
Ao teu calor já desperta.

Beberás água da fonte, (que)
Rumoreja ao pé do monte
Abrasando a terra inteira.
Sol Divino que ilumina,
Íris virente se inclina.
Lá na montanha altaneira
E a lua radiosa,
Inda cheia de esplendor,
Respira qual uma rosa,
Orvalhando o teu amor.

Irmã Lúcia Orestes
Filha da Caridade

INSTITUTO SÃO JOSÉ
ARACATI (1984 a 2002)

"A MÃE DOS POBRES"

"Mostra-te fiel até à morte
e eu te darei a coroa da vida."
Apoc. 2,10

"A MÃE DOS POBRES"

Saindo de São Benedito em 1984, por ordem de seus superiores, onde desempenhava atividades inerentes ao cargo de Irmã Servente do Amor Divino, no Patronato Dona Maria Luiza, Irmã Brasileiro aportou em Aracati, não mais como Superiora, mas como Irmã Maria Clara, Vice-Diretora do Instituto São José, dedicando-se, totalmente, à Comunidade de Fortim. Logo de início, foi uma esperança para todos os aracatienses. Percorreu a cidade e, de imediato, começou a evangelização pelos bairros. Nas vilas São Rafael e Priscila, ia de casa em casa, evangelizando as famílias e ajudando-as materialmente.

Organizou uma equipe de jovens que a auxiliava em tudo. No Patronato, preparou uma sala, onde ensinava pintura, bordados e costura em geral. Para as gestantes, providenciava tecidos para enxovais de recém-nascidos, confeccionados pelas mães. Todos os anos, fazia o bazar de Natal com as peças feitas pelas sócias que trabalhavam na sala. O lucro obtido era todo destinado às despesas com os pobres. Seu trabalho espiritual era maravilhoso: ensinava o catecismo e orientava os jovens como procederem com relação à família e à Igreja. Um de seus trabalhos mais significativos e nobres foi a assistência às mulheres marginalizadas: lutou para reintegrá-las à Igreja, à sociedade e à família.

Reorganizou a Associação Internacional de Caridade – A.I.C., conhecida como Senhoras da Caridade, uma associação existente há alguns anos e, através de suas integrantes, recomeçou o trabalho de Assistência à 3ª idade; como faziam suas antecessoras, ela também distribuía roupas, alimentos e remédios, entre outros benefícios.

No dia do Ancião, das Mães e dos Pais, sempre promovia

uma comemoração, onde o melhor alimento era o "AMOR". Entre seus trabalhos inesquecíveis, destaca-se a implantação do 1º grupo de oração "Maria Medianeira", quando contou com a colaboração valiosa de algumas pessoas, sobressaindo-se entre elas o senhor João e a senhora Zuleika, da Renovação Carismática Católica de Aracati e, depois, em Fortim. Este grupo tem 20 anos de existência. Prosseguindo, ainda, com a colaboração dessas mesmas pessoas, formou o JORES (Jovens Renovados pelo Espírito Santo).

Os alicerces preparados por Irmã Maria Clara foram profundos, edificados no sacrifício, na humildade e na fé inabalável de sua entrega total, pela oração. Em Aracati, trabalhou 18 anos, voltada, integral e incondicionalmente, aos mais carentes, isto é, dando prosseguimento à sua ação missionária. O seu último trabalho, em Aracati, foi uma bonita coroação de Nossa Senhora, em maio de 2002, preparada com muito carinho e assistida pelas mães e crianças carentes, seguida de distribuição de cestas básicas a todos os participantes. Comemorou o Jubileu de Ouro (50 anos) e o de Diamante (60 anos) como Irmã Servente do Amor Divino. Operária do bem, a serviço do Senhor, ela continuou vivenciando os ensinamentos aprendidos e praticados durante sua vida consagrada, como Filha da Caridade e, como tal, foi mais uma vez, a escolhida para colocar em prática os grandes ensinamentos do Mestre: toda a sua vida foi um constante semear.

E, sempre fiel ao chamamento, após 5 anos, em Aracati, dedicada, totalmente, à sua ação evangélica de servir a Jesus nos pobres, Irmã Maria Clara comemorou seu Jubileu de Ouro de vida consagrada ao apostolado, entre as religiosas da Companhia de São Vicente, com os assistidos pelo seu trabalho missionário, com os familiares e amigos. A celebração eucarística oportunizou à Irmã Maria Clara um momento ímpar: conduzir a Bíblia e

proferir sua gratidão pelo momento que ora se festejava nos seguintes termos: "A palavra de Deus, aprofundada em meu viver diário de Filha da Caridade, é um meio pelo qual a obra divina se manifesta com clareza em todos os acontecimentos. No decorrer dos meus 50 anos de vida consagrada, Senhor, eu te ofereço a leitura da Palavra de Deus, que me fez dar um sentido mais profundo à minha doação e a convicção de fé no Altíssimo vivo, que está sempre presente no desenrolar da minha história. Por tudo que recebi de Deus, obrigada, Senhor!".

Na mesma celebração, Madalena, a irmã caçula da família Alcântara Brasileiro, conduzindo o cálice diz: "A minha irmã Maria Clara é um presente que a Tua bondade colocou em nossa família com todos os encantos de sua personalidade. Durante 50 anos ela se dedicou, com muita generosidade, ao serviço de seus irmãos, os mais pobres e marginalizados. Junto com este cálice, em nome de toda a minha família, eu Te entrego esta tão querida irmã e Te peço, lhe concedas a graça de continuar, com muito fervor, a viver a sua consagração".

E ainda, uma aluna conduzindo a vela, assim se expressou: "Senhor, a vela que se consome, no silêncio, é como a vida de Irmã Maria Clara, na caminhada do dia-a-dia. Ofereço-Te os momentos de entrega a Deus, os momentos que Irmã Clara dedica à nossa orientação, ouvindo-nos, sustentando-nos, confortando-nos nas horas difíceis e duras. Por todo o bem que Irmã Clara nos faz, eu Te agradeço e Te peço que sua vida ilumine a muitas outras vidas".

Irmã Maria Clara continuou sua vida de trabalho e doação aos mais carentes. O real significado do seu viver era servir. Mais 10 anos se passaram e o Jubileu de Diamante foi comemorado por todos. Em 1999, 31 de maio, Irmã Maria Clara sentiu a alegria de festejar seus 60 anos de vida dedicada ao serviço dos mais humildes.

Na celebração eucarística, o momento da Preparação das Ofertas foi por todos os presentes: familiares, Comunidade Religiosa, população assistida por Irmã Maria Clara e amigos, ocasião em que a grandeza de sua obra missionária foi traduzida nas palavras: "Estamos revivendo, nesta Eucaristia, os 60 anos de Consagração de nossa querida Irmã Clara. É hora de agradecer, mas também de oferecer. É hora de partilhar tudo o que recebemos, a herança dos fundadores, o carisma do serviço, o amor traduzido em gestos: TOTAL DOAÇÃO. Senhor, aqui trazemos os símbolos: "Vela acesa" - Nas lutas e incertezas, Irmã Maria Clara foi e continua sendo luz nas trevas da ignorância de crianças e jovens, na doença e amparo na velhice. "Pão" - Este pão vai nos lembrar o mesmo pão levado no cesto, pela Irmã Maria Clara, nas idas e vindas, matando a fome de tantos pobres. Pão repartido, multiplicado pela confiança na Providência, símbolo do desafio de ser consagrado ao Senhor. "Vinho" – O vinho simboliza a nossa alegria; aqui vivemos Caná! O vinho há 60 anos guardado nos tonéis da caridade. Hoje é repartido nesta data festiva! Ele será transformado em sangue do Senhor. Ofertamos ao Pai todo o serviço das Filhas da Caridade. Esta doação constante para que o outro tenha vida e, assim, aconteça a Páscoa – Vida nova de Jesus Cristo!" As manifestações de carinho, de afeto e de gratidão à Irmã Maria Clara, pelo seu trabalho desprendido, sem exigência de retorno, continuaram através de um jogral quando lhe foi dada a oportunidade de agradecer, mais uma vez, utilizando-se dos versos do filósofo indiano Rabindranath Tagore; para expressar seu obrigada, Senhor...

"Deixe-me dizer: obrigada, Senhor, por ter nascido!"

Obrigada, Senhor,
por esta minha longa caminhada,
onde ora tenho tropeçado em pedras

ora pisado no frio do chão,
ora acariciada pelos raios de sol,
ora enfrentando fortes temporais,
ora visitada por lindas canções,
canções cheias de alegrias,
mescladas com infinitas esperanças!

Obrigada, Senhor,
Por eu ter te encontrado,
por eu ter sido chamada a te servir,
servir o outro,
na minha sublime vocação de Filha da Caridade,
serva dos pobres!

Obrigada, Senhor,
minha caminhada tem sido difícil,
mas meus amigos são bons, me querem tanto bem,
rezam por mim, e tenho certeza,
não me esquecem, mesmo, pela distância que nos separa!...

Obrigada, Senhor, por eu ter nascido, por eu sentir a beleza da minha caminhada, mesmo nos meus sacrifícios e renúncias, enfrentando momentos que já me fizeram chorar, me fizeram experimentar quão bom é ser tua, estar ao teu serviço, obrigada, Senhor!...

Obrigada, Senhor,
pelas flores que me alegram, pelos pássaros, pelo sol, pela lua e estrelas, por toda a natureza que me fascina, e me faz, a cada dia, acreditar, maise mais, que Tu existes, que eu Te amo muito, nunca quero me separar de Ti, aconteça o que acontecer!...

Obrigada, Senhor,
por eu ter nascido,
por eu amar a vida, obrigada Senhor!

Terminadas as homenagens próprias do Jubileu de Diamante de Irmã Maria Clara, tudo voltou à vida de sempre, ao trabalho diário de dedicação completa, de energia total ao serviço de Jesus na assistência cotidiana aos mais humildes. Foram 63 anos de ofertório de vida para chegar ao céu. Sua capacidade de renúncia e doação aos pobres teve um sentido intenso nas ações, nas atitudes e nos valores espirituais essenciais à sua realização integral. Irmã Maria Clara, sua doação constante e diária à causa dos necessitados, constituiu-se exemplo de verdadeiro holocausto, próprio dos "eleitos", daqueles escolhidos pelo Altíssimo para serem igreja viva, e nos leva a afirmar com a convicção de que: "Se todos fôssemos iguais a você, o mundo teria como eixo a fraternidade universal; o amor seria como um elo grandioso irmanando os homens de todos os cantos do mundo. Todos procuraríamos as coisas do alto: não haveria a soberba nem o orgulho nem a ambição; ninguém daria tanta importância às grandezas que tantos procuram com avidez e orgulho sobre a terra. Não haveria lugar para a vingança, a inveja, o rancor ou a revolta. Somente, haveria paz, amor e alegria. Ninguém se preocuparia em saber o que cada um foi, ou o que é, nem a posição que ocupa, mas o bem que se fez e as lágrimas que enxugaram, pois o Reino de Deus não é deste Mundo" (Mirza Alcantâra).

Vieram as tormentas, o vento soprou forte, mas a Renovação Carismática Católica continua firme, crescendo no amor entre irmãos, na partilha amiga e fraterna. E, após vivenciar, com profunda convicção, os ensinamentos de Cristo: "Ide também vós para a vinha" (Mt 20,4), IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA

BRASILEIRO, com a certeza de que cumpriu, com toda a intensidade, a missão que lhe fora confiada, voltou à Casa do Pai, em 11 de junho de 2002, para receber o prêmio reservado aos escolhidos, porque como ela mesma afirmava: "... é bom louvar ao Senhor e cantar suas maravilhas para sempre".

Hoje, estamos felizes e gratos; primeiro ao Espírito Santo, por nos indicar sempre o verdadeiro caminho e gratos pelo trabalho realizado por Irmã Maria Clara. Temos a certeza de que ela continuará intercedendo por todos nós para que possamos ser realmente carismáticos e verdadeiros soldados de Cristo. Sua ausência constitui-se um vazio impreenchível que leva a todos nós a afirmar com profundo carinho: "Saudade! Um lenço branco me acenando... / Uma vontade de chorar sorrindo, / Uma vontade de sorrir chorando."(J.G. de Araújo, 1916-1987, poeta e político acreano).

Comunidade das Filhas de São Vicente de Paulo – Aracati

Francisca das Chagas Vasconcelos
Ex-aluna de Bela Cruz

A OBRA MISSIONÁRIA: É TEMPO DE COLHEITA

"Bem-aventurada aquela que acreditou, porque será cumprido o que o Senhor lhe prometeu."
Lc 1.45

A OBRA MISSIONÁRIA: É TEMPO DE COLHEITA

"Quem perseverar até o fim, receberá de Deus a coroa da vitória" (Tg 1,12).

O lema de Irmã Maria Clara era alicerçado na fé, na confiança, colocando-se, permanentemente, a serviço dos mais necessitados, por acreditar em um AMOR MAIOR que comanda o universo. Esta era a energia que a movia, que lhe dava forças suficientes e, às vezes até, sobre-humanas para agir: seu apostolado cristalizou-se nas obras que fundou, com dificuldades sim, mas com muito amor a Deus, servindo aos pobres. Este era o seu grande objetivo. Em cada capítulo, em cada cidade, por onde sua passagem deixou marcas profundas, destaca-se todo o seu empenho na missão de servir. Aqui tentamos resumir a grandiosidade de seu apostolado que, apesar das intempéries, ainda persiste porque foi amalgamado no desprendimento e na doação total. Vejamos:

Em Bela Cruz, o Externato Santa Luiza de Marillac, fundado em 1962, destinado a oferecer escolaridade às crianças da periferia, permanece até hoje com grandes avanços. Este espaço era utilizado pelo Instituto Imaculada Conceição, como o lugar ideal para que os alunos/estagiários do então Curso Normal efetuassem seu estágio obrigatório, que o referido curso exigia, para a formação dos educadores. Com o passar do tempo, surgiram algumas dificuldades em relação ao prédio onde funcionava e, com a extinção do Curso Normal, a Prefeitura Municipal de Bela Cruz assumiu, em parte, alguns encargos tais como pagar bolsas aos estagiários que, na realidade, agiam como professores. Em 1993, a Prefeitura encampou o Externato Santa

Luiza de Marillac e o dividiu em Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Luiza de Marillac que, atualmente, funciona em prédio alugado à Rua Capitão Miguel Lopes, 644, Praça da Matriz, e Creche Santa Luiza de Marillac, instalada também em prédio alugado à Rua Professor Nicácio S/N, ambos sob a responsabilidade total da Prefeitura.

Por ocasião das festividades dedicadas à Santa Luiza de Marillac, no Instituto Imaculada Conceição, o Externato e a Creche participam das mesmas como convidados de honra, o que possibilita a manutenção dos laços de convivência.

O Clube Santa Mônica, destinado à promoção social das mães carentes, através da capacitação profissional, fundado em 1963, continua até hoje, com sua ação assistencial. Somente foi mudado o foco da assistência e a clientela: atualmente, acolhe as pessoas da 3ª Idade/Melhor Idade, desenvolvendo atividades de tapeçaria, terços e outros acessórios, sob a orientação de Irmã Letícia Domingues. Pode até ser considerado um Centro de Convivência, onde são realizados encontros diários e são programadas as festas da Comunidade, tais como: Páscoa, Mês de Maio, Dia das Mães, Dia de São Vicente, de Santa Luiza de Marillac e Natal, entre outras. Objetiva, sobretudo, proporcionar aos idosos uma convivência diária saudável e aconchegante, tão necessária nessa fase da vida. Por ocasião das festas citadas, há distribuição de presentes e, nas reuniões, aos sábados à tarde, é servido um lanche a todos os participantes. Em Viçosa do Ceará, no período de 1969 a 1975, Irmã Maria Clara teve atuação marcante: dedicou-se à educação, estimulando os estudantes e suas famílias, confortando-os e os encorajando para que superassem suas dificuldades. Apoiou e incentivou as Olimpíadas Ibiapabanas. Foi a responsável maior pela construção da quadra

esportiva do Patronato, em regime de mutirão, a qual se encontra, até o momento, em pleno funcionamento. Participou, ativamente, da criação do Jornal Estudantil Viçosense – MEV. Deixando Viçosa em 1975, foi para São Benedito, onde permaneceu até 1984, mas a sua missão não parou. Novos desafios vieram, e Irmã Maria Clara arregaçou, mais uma vez, as mangas e se colocou em total disponibilidade a serviço dos pobres, no amor de Cristo. Fundou escolas nos sítios, as quais proporcionaram atendimento e assistência às crianças daquelas localidades, alfabetizando-as e lhes oferecendo escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental. Reabriu a Escola Nossa Senhora das Graças, oportunizando matrícula às crianças desprovidas de qualquer assistência. Encontra-se, hoje, em pleno funcionamento, com uma matrícula de 200 crianças, instalada no Anexo do Centro Educacional Virgem Poderosa.

A missão evangelizadora de Irmã Maria Clara teve prosseguimento em Aracati, quando lá chegou, em fevereiro de 1984. Em 1985, fundou a Renovação Carismática, participando de todas as atividades do Grupo, até 2002, quando voltou para a casa do Pai. Ligado ao grupo, criou um centro de oração o "O CERCO DE JERICÓ", ainda em atividade, funcionando dentro dos tempos fortes do ano litúrgico: Advento e Quaresma. Consta de oito dias de oração intensiva, encerrando-se com um show de fé: "JESUS ESTÁ VIVO".

Em 1986, criou a Adoração Perpétua, na Casa da Renovação, sendo que hoje, devido à violência, não há mais adoração à noite, somente durante o dia. Em Fortim, paróquia vizinha, Irmã Maria Clara se dedicou à catequese de crianças e adolescentes, preparando-os para a Primeira Eucaristia e para o Crisma. Também aí, colaborou, ativamente, no Encontro de Casais com

Cristo, atividade que ainda persiste até hoje. Ainda em Aracati, no bairro São Rafael, organizou a catequese, preparando crianças para a Primeira Eucaristia e, com o auxílio da Prefeitura, uma classe de alfabetização para adultos. Em 1986, fundou o ARTESANATO voltado para a promoção das mães carentes e, auxiliada pelas Voluntárias da Caridade, estabeleceu as visitas a domicílio, dando prioridade aos idosos sem aposentadoria. Ainda em plena atividade. Trabalhou com as mulheres marginalizadas, trazendo-as para o artesanato, procurando recuperá-las e orientado-as para uma vida mais cristã. Seu lema, ao qual foi sempre fiel, era: "Ajudar aos mais necessitados, custasse o que custasse". Deixou para todos nós uma lição de vida: "AMOR INCONDICIONAL AOS MAIS POBRES". Registre-se, aqui, a intercessão de Irmã Maria Clara: Contou dona Roseldina que se encontrava muito aflita com o estado de saúde de seu neto Gustavo (com febre há três dias, sem querer alimentar-se), e ela, em oração à noite, pediu que Irmã Maria Clara intercedesse por Gustavo. No outro dia, pela manhã, ele já se encontrava bem melhor. Sem sombra de dúvidas, tivemos entre nós, um grande exemplo de ser humano: uma mulher corajosa, determinada, evangelizadora, modelo de santidade, de doação e amor a Deus e à sua obra de servir aos pobres.

Francisca das Chagas Vasconcelos
Ex-aluna de Bela Cruz

MANIFESTAÇÕES DE RECONHECIMENTO, GRATIDÃO E CARINHO

"Não se pode esconder uma cidade
situada sobre um monte.
Nem se acende uma candeia
para se colocar debaixo do alqueire,
mas sim sobre o candelabro..."
Mt 5: 14-154

HAVIA AMOR, NÃO HAVIA MEDO

"Em 1948, fui levada por minha mãe para o internato do Patronato Maria Imaculada, em Pacoti, onde fiquei quase 3 anos. Não desmerecendo as outras freiras que ali moravam, foi a Irmã Catarina que se projetou eu meu olhar de criança e, até hoje, guardo-a como se estivesse viva em minha lembrança. Ela se impunha pelo jeito simples e carinhoso e o humor inalterável para guiar nossos passos. Nas peraltices e nos atos de indisciplina, ela nos repreendia sempre irradiando confiança e amor. Sua arma era o diálogo, de maneira fascinante e convincente, para nos condicionar os sentimentos de respeito, de ordem e de religiosidade. Sua postura espiritual, sua personalidade como educadora fazem-me crer que foi uma "eleita" para fazer, na terra, o Bem pelo Bem. É inesquecível, pois perto dela não havia medo: havia paz, alegria e amor."

Maria Alice Bernardo, sua ex-aluna.

"Freira celebra o jubileu de ouro de vida religiosa. Aos 73 anos de idade, Irmã Catarina Alcântara Brasileiro, da ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, celebra hoje 50 anos de dedicação à vida religiosa. Conhecida pela sua generosidade, ela destinou seus primeiros 20 anos, como religiosa, à cidade de Pacoti, onde desenvolveu atividades relacionadas a orientação de trabalhos manuais, junto as alunas do Colégio Maria Imaculada. Foi a primeira Superiora no Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz, e em seguida passou para a cidade de Viçosa no Ceará.

Em 1975, dirigiu o Patronato de São Bendito e em seguida, no ano de 1984, aceitou o convite parta trabalhar em Aracati... Não mais como superiora, mas dedicada ao trabalho

comunitário de Fortim. Nascida como Maria Clara Alcântara Brasileiro, a Irmã nasceu na praia do Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante. Nesta caminhada, destacou-se pela total entrega à comunidade religiosa da Caridade de São Vicente de Paulo."

Publicação do Jornal O POVO de 31/5/1989 Pág. 8-A

"A evolução, a grandeza de um povo tem sua história nos bancos da Escola. Batalhei: consegui o Instituto Imaculada Conceição – escola de 1º Grau, dirigida por professores de fora daqui... Conseguimos, a grande custo, as Irmãs de Caridade, as Filhas de São Vicente de Paulo. São elas as campeãs da Educação nesta terra. São as construtoras do saber. Mourejam e doam as suas vidas, injetando Deus, Pátria e Família nas artérias do coração e da inteligência da nossa juventude. Na galeria das estrelas candentes do Patronato Imaculada Conceição ressoam os nomes de: Irmã Brasileiro... (...) Todo o Professorado das demais Escolas, ali bebeu, em fonte cristalina, a sua erudição e educação. As filhas de São Vicente são, com justiça, as desbravadoras gigantes desta terra, implantando nela a cultura; por isso, merecedoras de nossa gratidão, dos nossos aplausos. Que todo o magistério belacruzense guarde na memória e reconheça, de fato, e de sempre, a imensa riqueza adquirida no Patronato Imaculada Conceição, graças à presença e ao espírito abnegado das Irmãs de Caridade. Os amigos ajudam os amigos. Os favorecidos prestigiam os seus Benfeitores."

Trecho extraído do discurso proferido por Mons. Odécio Loiola Sampaio em 30/11/1991, por ocasião do seu Jubileu de Ouro de Sacerdócio, em Bela Cruz, inserido em seu livro *Cinqüentenário Sacerdotal*, págs. 71 e 72.

OBRIGADA, SENHOR

Viver é caminhar
Uma caminhada que vai
Florindo caminhos,
Que vai tropeçando em pedras,
Se, no valor da vida,
Vive a coragem da luta!
Viver, construindo amizades,
Viver, rodeado de calor humano,
Viver distribuindo paz,
Viver, mãos estendidas,
Dando amor,
Sendo amor,
Recebendo amor,
Numa constante realização
Agradecer a DEUS
Os momentos bonitos e felizes;
Os momentos difíceis que foram
Aceitos e vencidos!
Agradecer a DEUS
O dom da vida,
Vida, digna de ser vivida,
Em prol do outro, nosso irmão!
Aconteça o que acontecer,
A vida é dom,
Dom repartido,
Dom que celebra ações de graças,
Dom que solidifica alegrias,
Dom que vence dores,

E, sorrindo chora também!
Tudo canta e grita de alegria,
Hoje é seu natalício,
Querida Irmã Clara,
Parabéns, Feliz Aniversário!
Obrigada, Senhor,
Pelo dom da vida de nossa Irmã Clara,
Pela caminhada,
Pelos amigos,
Pelas alegrias e tristezas
Porque tudo é graça,
Obrigada, Senhor!

Aracati, 12/8/2000
Companhia das Filhas da Caridade

Uma Lágrima ... Um Sorriso

Faleceu Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro.

Em sua face serena, tranqüila e linda, como acontece com quem morre na graça de Deus, não vi mais a LÁGRIMA que sempre brilhava em seus olhos, mercê de uma obstrução anatômica do seu canal lacrimal. LÁGRIMA que teve um significado simbólico. Não vi mais, também, o SORRISO discreto, sempre presente nos momentos felizes e menos felizes de seus dias, em cumprimento de uma missão significativamente relevante. Sempre, sempre, quando a LÁGRIMA aparecia, o SORRISO de coragem, de esperança e de PAZ a enxugava vitorioso. Na Igreja de São Vicente, aconteceram a celebração litúrgica e a cerimônia fúnebre. Fugira a vida? Desaparecera a animação espiritual daquele corpo?

Ali, estavam presentes muitas companheiras Filhas da Caridade, familiares, Voluntárias da Caridade, amigas e amigos, representantes dos seus grupos de oração, de Aracati, e ex-alunas das Escolas Vicentinas, espalhadas pelo Ceará. Até um grupo de colegas suas, dos anos 30, estudantes do Colégio Imaculada Conceição, ali, estava.

E foi bonito apreciar o toque de respeito e o despertar de felizes recordações de cada pessoa que se aproximava para o adeus.

Se a vida parecia ter fugido, outra realidade se impunha: a energia espiritual da Irmã Maria Clara permanecia viva e atuante no coração e na personalidade de quem cruzava seu caminho. A LÁGRIMA fortuita e teimosa, símbolo do que faz sofrer na história de cada pessoa, tende a desaparecer também de nossos olhos pelo testemunho e a energia sobrenatural de Irmã Maria Clara. Sua arma foi sempre um SORRISO discreto e suave. Esse gesto simples consagrou-a como construtora da PAZ, baluarte da vida fraterna e serva do próximo, sobretudo dos pobres e

sofredores a quem servia "com o suor do rosto e a força dos braços", na receita de São Vicente na qual é possível acreditar, no seu caso, " e com SORRISO nos lábios". De você, Irmã Maria Clara, guardamos uma energia transformadora que nos faz melhores e mais felizes porque você existiu. Não esquecemos aquela LÁGRIMA que, em teimosia simbólica, jamais venceu o SORRISO constante, fruto da generosa doação de sua vida a Deus, num dia-a-dia de atos de amor aos irmãos, e de confiança na proteção da Virgem Imaculada.

Irmã Elisabeth Silveira
Filha da Caridade
Fortaleza, 18/6/2002

Senhoras Dona Madalena e Albanisa,

A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS E ALUNAS DO INSTITUTO SÃO JOSÉ, no trigésimo dia do falecimento de nossa querida IRMÃ MARIA CLARA, prestou uma homenagem à mesma mandando celebrar uma missa. A esta missa compareceu muita gente: todos amigos de IRMÃ MARIA CLARA. Mandamos para vocês mensagens de conforto e saudade, pois IRMÃ MARIA CLARA era muito querida e estimada pela nossa associação.

Nossas orações e nossos sentimentos de solidariedade para toda a família da IRMÃ MARIA CLARA.

Aracati, 11/7/2002

LIGIA RIBEIRO DA SILVA
Presidenta da Associação

UM ANO DE SAUDADE

Ah! Senhor tempo!
Que relógio pulsa em seus braços?!
Como é o registro de seus olhos?!
Que sangue corre em seu coração?
Ah! Senhor tempo!...
O Senhor conhece a dama saudade?
Sabe o universo em que esta dama reina?
Conhece os destroços da casa da saudade?
Ah! Senhor tempo!
Um anjo não devia deixar saudades...
Não seria melhor transformar-se em algo eterno?!
Não sei explicar algo infinito que desejo:
Apenas posso dizer que:
Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro foi um anjo!
Que soube muito bem ser flor
Ser presença caridosa!
Ser fiel e necessária!
Ser humilde e perseverante!...
Maria Clara Alcântara Brasileiro também foi humana!
Soube ouvir!
Deu-se o direito de acreditar!
Permitiu-se humanamente:
Dizer sim e não!
Um anjo humano!!!
Um enigma!
Um traço divino!
A presença de Maria,
Mostrando sempre:

O outro é Deus
E com Ele temos um débito infinito
De amor e caridade!
É uma história tão longa
Para encaixar num ano de Saudade!

Irmã Francisca Araújo
Filha da Caridade
Fortaleza, 11 de junho de 2003

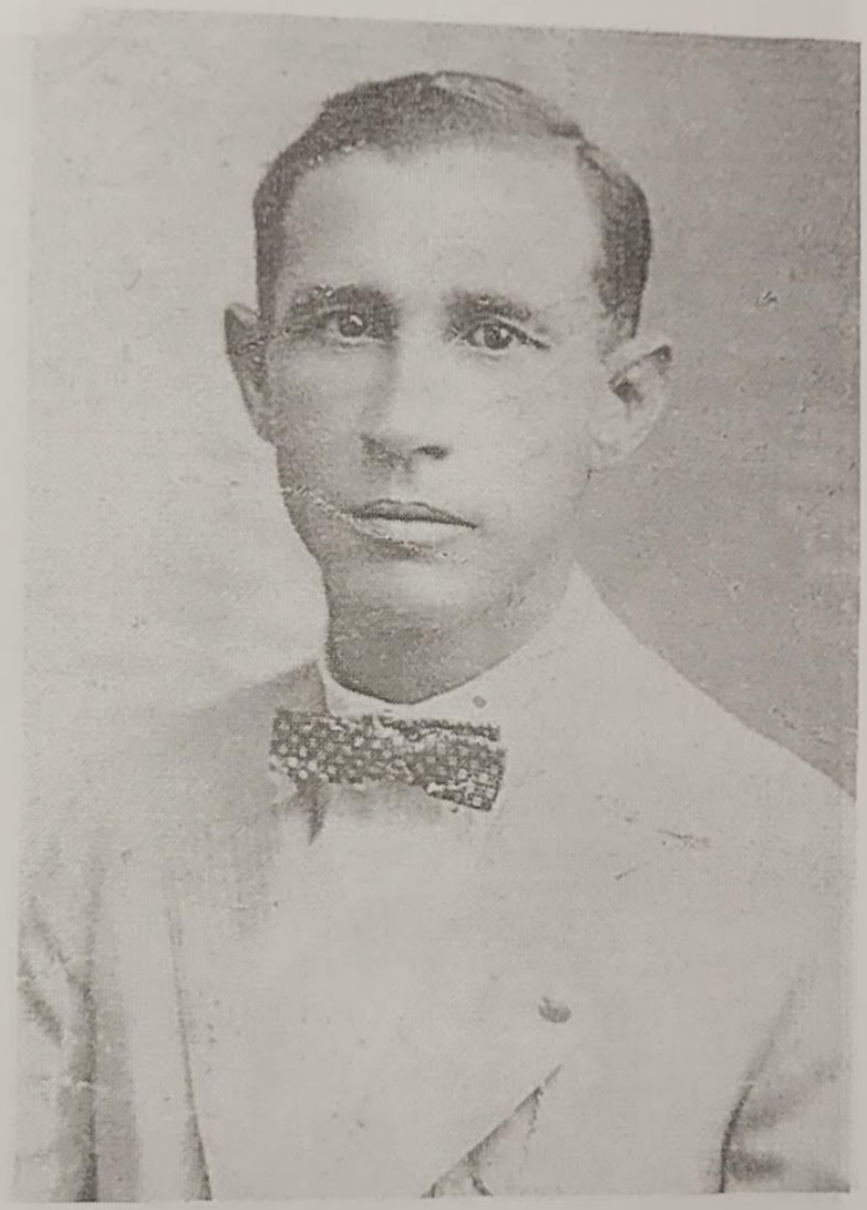
SAUDADES DE UMA AMIGA

Uma lágrima, uma saudade...!
Em cada canto uma lágrima,
Em cada lágrima uma saudade!
Irmã Maria Clara, você deixou marcas
Em mim que jamais se apagarão...
Sua coragem, e firmeza,
Na corrida à casa dos "Pobres" ;
Seu zelo e carinho pelas crianças; e pelos jovens;
Seu espírito de Oração, de Doação
E disponibilidade
Contagiou a comunidade, a Província,
Que muito bebeu... e viveu...
Esse testemunho de humildade,
Obediência, aceitação, serviço
E respeito a Deus e ao outro ,
Por isso ficou
Em cada canto uma Lágrima, e
Em cada Lágrima uma saudade.

Irmã Alzira
Filha da Caridade
Aracati, 11 de junho de 2003.

SERVINDO COM AMOR

MEMÓRIAS



Domingos Brasileiro Júnior - pai de Maria Clara

Leonice Alcântara Brasileiro – mãe de Maria Clara

Maria Clara – 1º Eucaristia – (1928)

Maria Clara – término do curso no Colégio da Imaculada – (1937)

Irmã Catarina, no início de sua missão, em Pacoti.
Década de 1950.

Somente uma lembrança (qualquer que você queira) que você guarde com carinho e conserve sempre com mais perfeição.
Será uma lembrança feliz e meritória para o Céu. Será na sua vida a varinha mágica que transformará as menores ações em pedras preciosas. Pureza de intenção nas ações.
Ame sempre por Amor e com Amor. Ame muito que custe, diga com entusiasmo: "Sursum Corda"
A vida é tão curta e só vale a pena ser vivida por Deus.
Com tudo ponha sempre o amor de Deus e assim colherá sempre esse mesmo que seja colhendo espinhos e amargando lágrimas.
Recorde com gratidão os dois

conselhos de nossa Mãe Maria e nas suas orações, reze pela nossa santificação.
Em Jesus e Mª Imaculada
sou sua afiçoada

Irmã Catarina
Filha da Caridade

2-12-51

Mensagem a uma aluna prestes a deixar o Colégio Maria Imaculada em Pacotí.

+

Unida ao meu Deus pela
sua presença adorável
em todas as minhas ações
de cada dia, seguirei con-
fiante na "Barquinha
da obediência às Santas
Regras. Só por Vós oh!
meu Jesus, para o bem
do próximo, quero dedi-
car-me e sacrificar-me
confiando sempre no Vosso
Amor e na Vossa misse-
ricórdia. Nas minhas pre-
ces, recomendarei sempre
com mais fervor rezando:
"Jesus e Maria Amo-Vos, sal-
vai almas -" 29-1-54

Irmá Catarina, Com as Irmãs: Leonice e Madalena e uma amiga na residência de Leonice, em Maranguape. Maranguape (1959).

Irmá Catarina com Leonice, sua irmã, e uma amiga, em Maranguape, (1959).

Irmã Maria Clara , em 1963, como Superiora,
em Bela Cruz – Irmã Brasileiro.

Foto tirada em 1963, no Colégio Santa Tereza, no Crato, quando do término do Curso Ginasial da 1ª turma.
Da esquerda para direita : Padre Odécio, sua sobrinha Irmã Siebra, Irmã Brasileiro as concludentes, Irmã Maria Luísa e Irmã Tereza Góes

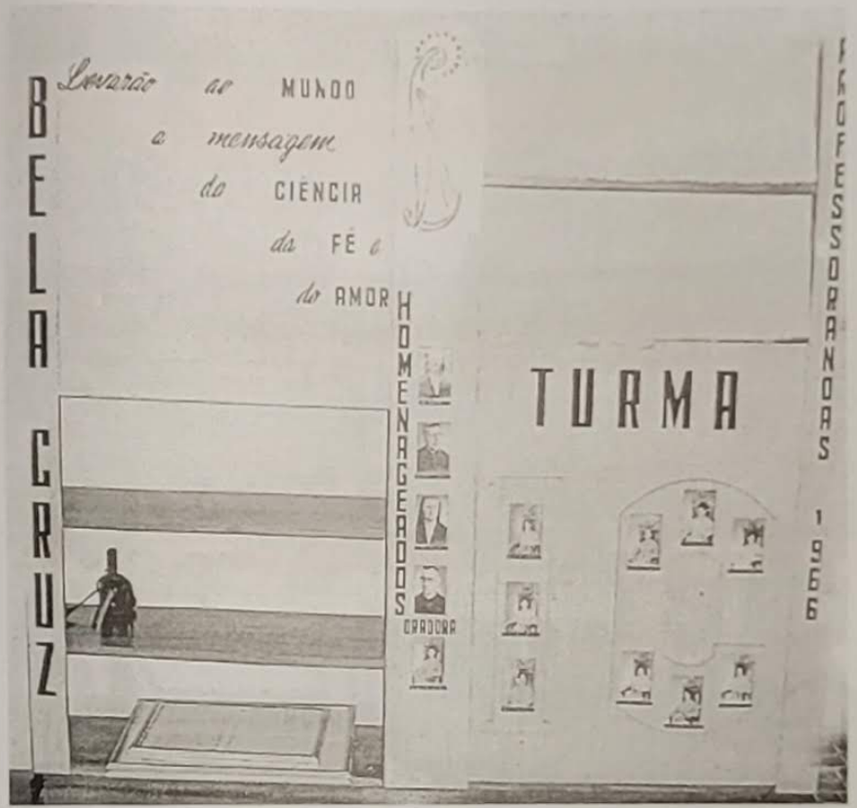
Irmã Maria Clara, em 1964, como Irmã Brasileiro,
Superiora do Instituto Imaculada Conceição de Bela Cruz.

Irmã Brasileiro, aos 50 anos de idade, como Superiora de Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz (1966).

Irmã Brasileiro, aos 50 anos de idade, com sua irmã Albanisa, à época, Irmã Cristina. Fortaleza, 12/8/1966. Superiora no Instituto Imaculada Conceição, em Bela Curz.

Irmã Brasileiro, como Superiora do Instituto Imaculada Conceição de Bela Cruz. Comemora os 50 anos de idade, em 12/8/1966 ao lado de sua mãe Leonice e dos irmãos: Madalena, Leonice, Amazônia, Murilo e Irmã Cristina (Albanisa)

Irmã Brasileir^{o} e seus familiares, na data festiva: 12/8/1966.



Primeira Turma de Professoras Normalistas de Bela Cruz 10/12/1966. (Foto da estante que perenizou o evento)

PROFESSORANDAS

Ana Maria Lopes de Carvalho, Ana Rita Vasconcelos, Francisca das Chagas Vasconcelos (Oradora), Margarida Vasconcelos, Maria Alice Vasconcelos, Maria de Lourdes Araújo, Maria de Jesus Maranhão, Maria Estela Pinto, Maria Nazaré Silveira e Terezinha Magalhães Rocha.

Turma do Curso Normal Pedagógico, 2º ano, em 31/5/1967, no Instituto Imaculada Conceição, em Bela Cruz, com a Irmã Brasileiro e o vigário Padre Odécio, por ocasião do onomástico de vida religiosa da Superiora.

Irmã Brasileiro e seu apostalado junto com os pequenos. São Benedito: junho de 1977

Irmã Maria Clara e sua irmã Albanisa, em Belém /PA (Março 1985).

Freira celebra o jubileu de ouro na vida religiosa

Aos 73 anos de idade, a irmã Catarina Alcântara Brasileiro, da ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, celebra hoje 50 anos de dedicação à vida religiosa. Conhecida pela sua generosidade, ela destinou seus primeiros 20 anos, como religiosa, à cidade de Pacoti, onde desenvolveu atividades relacionadas a orientação de trabalhos manuais, junto às alunas do Colégio Imaculada Conceição. Foi a primeira Superiora no Instituto Imaculada Conceição, em Bela Bruz, e em seguida passou para a cidade de Viçosa do Ceara.

Em 1975, dirigiu o Patronato de São Benedito e em seguida, no ano de 1984, aceitou o convite para trabalhar em Aracati. Não mais como superiora, mas dedicada ao trabalho comunitário de Fortim, nascida como Maria Clara Alcântara Brasileiro, a Irmã nasceu na praia do Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante. Nesta caminhada, destaca-se pela total entrega à comu-

Irmã Catarina mora em Aracati

nidade religiosa da Caridade de São Vicente de Paulo.

Artigo publicado no jornal O Povo de 31/5/1989 – Jubileu de Ouro de Irmã Clara, celebrado em Aracati, na mesma data.

Irmã Maria Clara, na residência de sua irmã Madalena, Em Fortaleza (1990).

Jubileu de Ouro de Mons: Odécio Loiola Sampaio. Bela Cruz (Nov 1991).
Irmã Maria Clara, o Vigário e as Integrantes da primeira
turma do Instituto Imaculada Conceição.
Da esquerda para a direita: Margarida Vasconcelos, Mª Alice Vasconcelos,
Mons. Odécio, Irmã Maria Clara, Ana Mª Carvalho, Ana Rita Vasconcelos,
Mª de Lourdes Araújo e Francisca Vasconcelos.

Irmã Maria Clara no XV Encontro Nacional Das Voluntárias de Caridade de
São Vicente de Paulo.
Campina Grande - Paraíba (26 a 31 de Julho de 1993).

Irmã Maria Clara no XV Encontro Nacional das Voluntárias da Caridade de
São Vicente de Paulo. Campina Grande-Paraíba (26 a 31 de julho de 1993).

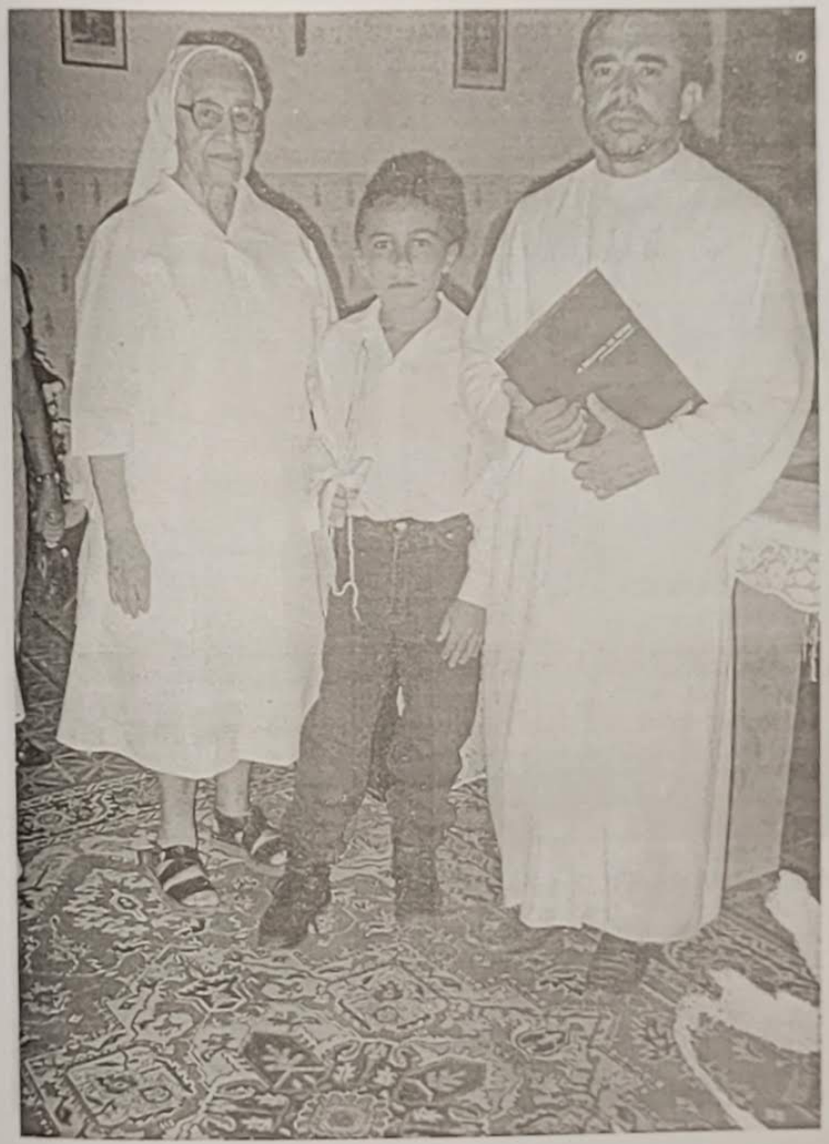
Irmã Maria Clara, no seu aniversário de 81 anos.
Homenagem das Alunas do Bordado (Aracati 12/8/1997).

Irmã Maria Clara e sua dedicação às crianças (Aracati 1999).

Irmã Maria Clara, no exercício de sua missão, em Aracati (2000).

Irmã Maria Clara com o Grupo que a auxiliava no desempenho de sua missão, em Aracati (2001).

Irmã Maria Clara e Albanisa, sua irmã,
em Aracati (Março de 2001).



Irmã Maria Clara, na praia do Fortim, colhendo os frutos de sua missão
evangélica: Primeira Eucaristia de um de seus assistidos. (2001).

Irmã Maria Clara, ladeada pelas irmãs Albanisa e Madalena e a sobrinha Maria Eugênia – (janeiro de 2002) Fortaleza/Ceará.

Irmã Maria Clara com a sobrinha-neta Maria Clara, filha de Maria Eugênia (11 de maio de 2002). Fortaleza/Ceará.
Última Fotografia tirada um mês antes de sua volta à casa do Pai.

DEPOENTES

Irmã Angelina de Assis Paiva (FC) e Irmã Noemi Sales (FC)
(Convívio com Irmã Maria Clara em Pacoti e Bela Cruz)

Maria Glacimar de Carvalho (Ex-aluna, de Bela Cruz)

Irmã Maria Stela Colares Goes (FC)
(Convívio com Irmã Maria Clara em Bela Cruz e São Benedito)

Irmã Alzira Holanda Campelo (FC) (Conviveu com Irmã Maria Clara em Aracati)

Maria Porto Silveira (Roseldina) e Fabíola Moreira Ramos
(Trabalharam com Irmã Maria Clara em Aracati)

Já dizia Aristóteles (364-322 a.C.) que a felicidade consiste em fazer o bem. Se nos ativermos a essa afirmação, comprovamos o porquê da vida plenamente feliz que teve a Irmã Maria Clara sobre esse "vale de lágrimas". Seu trabalho, verdadeiro apostolado da caridade, não findou com seu retorno à Casa do Pai. Isso devido à solidez de suas bases plantadas sobre o amor alicerce maior de todas as construções.

E, ao se doar, extrapolou sua inerente transitoriedade, porque cada uma de suas pegadas ao longo de sua caminhada infiltrou-se no coração do tempo que, a cada era, revolve suas raízes sobre a terra, deixando-as à mostra, como exemplo para a humanidade.

Daí a eficácia deste trabalho organizado por **Francisca** das Chagas **Vasconcelos,** que já mostrou grandeza de alma, ao deixar em livro a vida exemplar de seu pais. Como escafandrista, ela segue nas águas profundas do tempo a resgatar vidas santas, pois sabe ela que, neste momento em que a maioria dos homens vive a cultivar a violência, a ganância, os prazeres da carne, o egoísmo, é mister que se faça algo para despertar nesse povo a luz divina do amor, partindo de exemplo vivo como o é a vida de Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro.

Giselda Medeiros
da Academia Cearense de Letras.

Estou pronta para o que o Senhor quiser.

Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro